

Alice Bernardo Martins
Weslei Vieira Ferreira

ADEUS, ARMÁRIO

Viçosa – MG
Curso de Comunicação Social – Jornalismo – UFV
2017

Alice Bernardo Martins

Weslei Vieira Ferreira

ADEUS, ARMÁRIO

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientação: Mariana Ramalho Procópio Xavier

Coorientação: Luciana Gomide

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social – Jornalismo – UFV

2017

Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Projeto experimental intitulado *Adeus, armário*, de autoria dos estudantes Alice Bernardo Martins e Weslei Vieira Ferreira, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Mariana Ramalho Procópio Xavier – Orientadora
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Kátia de Lourdes Fraga – Doutoranda em Extensão Rural
Universidade Federal de Viçosa – UFV

Gracielle Fonseca Pires – Mestranda em Estudos Discursivos
Universidade Federal de Viçosa – UFV

Viçosa, 30 de novembro de 2017

*“Você não precisa me entender, basta me amar.
Se não me amar, basta me aceitar.
Se não me aceitar, dá unfollow e não se fala mais nisso”*

Rita Lee

RESUMO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, busca-se discutir o que é “sair do armário” para estudantes de graduação da Universidade Federal de Viçosa. Para a realização deste projeto experimental, recorreremos ao uso do gênero documentário e ao formato de entrevista neoconfissões. O documentário é composto por relatos de 11 entrevistados, nos quais são problematizadas experiências pessoais acerca do processo de tornar pública a identidade gay. Cada entrevistado narrou como era antes e depois de se assumir para a família e sociedade e os desafios vividos após “sair do armário”. Para dar um embasamento teórico, abordamos questões relacionadas a homossexualidade, gênero, homofobia e ao armário e de como estas fizeram com que o entendimento do que é ser gay foi moldado com o tempo.

PALAVRAS CHAVE: Homossexualidade; Armário; Documentário; Entrevista.

ABSTRACT

On this term paper, we aim to discuss what “coming out of the closet” means to Universidade Federal de Viçosa’s undergraduate students. For the achievement of this experimental project, we resorted to the documentary genre and to the neoconfessions interview format. The documentary is composed of 11 interviewees’ accounts about the process of making public their gay identities, in which their personal experiences were problematized. Each interviewee narrated how it was before and after admitting the truth to their families, and the challenges they went through after “coming out the closet”. Regarding the theoretical basis, we approached issues related to homosexuality, gender, homophobia, and “the closet” and how those issues shaped the perception of what being gay means over time.

KEYWORDS: Homosexuality; Closet; Documentary; Interview

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE	10
1.1 Homossexualidade, identidade e a metáfora do armário	14
CAPÍTULO 2: RELATÓRIO TÉCNICO	19
2.1 Pré-produção	19
2.2 Produção	21
2.2.1 Fontes	21
Demerson Soares Mariano.....	22
Farley Avelino Silva.....	23
Gustavo Augusto Vicente.....	24
João Pedro Paixão DeAcaia	25
Lucas Carvalho Tacchi.....	26
Marcelo Rodrigues de Souza	27
Pedro de Oliveira Milagres	28
Robson Filho	29
Sérgio Luiz Félix.....	31
Victor Cruz da Silva Oliveira.....	32
Vitor Ferreira Daher	33
2.2.2 Realização das entrevistas	34
2.3 Pós produção	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
ANEXOS	44
Anexo 1: Roteiro	44

INTRODUÇÃO

A homossexualidade ainda é considerada um tabu pela sociedade. Por mais que esse assunto seja debatido e tenha ganhado mais visibilidade, ele ainda divide opiniões. Existem pessoas que pensam na homossexualidade como uma característica comum do ser humano; existem outros que a tratam como aberração ou algo extremamente imoral. Ribeiro (2010) aponta que a discussão sobre a sexualidade acontece, com mais intensidade, desde o século XVIII até a atualidade. Durante todo esse tempo, a homossexualidade já foi tratada como transtorno mental, perversão, delito à procriação, e aos poucos, foi sendo discutida numa perspectiva de identidade.

A forma como a homossexualidade é debatida depende de questões culturais. Na Austrália, até maio de 2016, homossexuais eram punidos com até 15 anos de prisão¹ e recentemente, aprovou-se o casamento entre pessoas do mesmo sexo². Outro exemplo que choca o mundo são os campos de concentração dedicados a tortura e assassinato de pessoas homossexuais na Chechênia³. Enquanto isso, no Brasil, vemos o constante avanço do conservadorismo. Ele se reflete no aumento do discurso de ódio promovido principalmente por deputados que compõem a Bancada Evangélica contra a população LGBT, o que dificulta a criação de leis para combate à violência contra homossexuais.

Somado a uma conjuntura cada vez mais violenta aos homossexuais, outro assunto emergente é o retorno da discussão sobre a legalidade da cura gay. Desde março de 1999, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) proíbe que os profissionais da área e psicologia realizem tratamento para a reversão da sexualidade, adotando como premissa o posicionamento da Organização Mundial da Saúde de que a homossexualidade é uma variação natural da sexualidade humana, não podendo assim ser considerada uma patologia. Porém, uma liminar concedida pelo Juiz Waldemar Cláudio de Carvalho, no dia 15 de setembro de 2017, de alguma forma faz com que os psicólogos possam legalmente oferecer terapias de reversão sexual, popularmente conhecidas como “cura gay”. A justificativa do juiz é de que isso daria para os psicólogos maior liberdade para promover estudos e garantir atendimento profissional para quem

¹ <http://veja.abril.com.br/mundo/estado-australiano-pede-desculpas-por-leis-que-puniam-homossexuais-com-ate-15-anos-de-prisao/>

² http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2017/11/15/interna_mundo,641101/australianos-aprovam-casamento-gay.shtml

³ Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-39603792>

deseja esse tipo de tratamento. Essa decisão causou bastante polêmica, fazendo com que ocorra protestos em diversas cidades do Brasil e reações na Internet.

É comum os casos de homossexuais que não são aceitos em seu círculo familiar devido a sua orientação sexual e estes compõem parte da população moradora de rua. Em uma matéria veiculada pela revista Galileu mostra que nos Estados Unidos, 40% dos moradores de rua são adolescentes homossexuais expulsos de casa, o que corresponde a mais de 300 mil pessoas⁴. Não há dados sobre a quantidade de pessoas que foram expulsas por conta de sua orientação sexual ou identidade de gênero no Brasil, mas há diversos projetos que buscam o acolhimento dessas pessoas como a Casa 1 em São Paulo e a Casa Nem no Rio de Janeiro voltada para as pessoas trans.

É importante ressaltar também que, a cada 25 horas, uma pessoa LGBT é morta segundo o Grupo Gay da Bahia. Um caso que teve ampla comoção nas redes sociais foi o caso de Itaberli Lozano, um jovem de 17 anos que foi morto a facadas pela própria mãe por esta não aceitar a homossexualidade do filho em Cravinhos, no interior de São Paulo.

O Relatório de Violência Homofóbica no Brasil⁵ com dados obtidos através da ouvidoria do SUS, da antiga Secretaria de Políticas para Mulheres e de Direitos Humanos e pelo disque 100, mostra que em 2013 houve 1.965 denúncias relacionadas a violações a comunidade LGBT, 44% a menos do que foi registrado no ano de 2012. Porém, esse número menor não indica a diminuição dos crimes com motivação homofóbica, mas aponta dificuldades em coletar esses dados por falta de divulgação e manutenção desses canais.

Outros dados que preocupam são do Grupo Gay da Bahia, um dos grupos de defesa dos LGBTs mais antigo do Brasil. Na página criada por eles “Quem a homotransfobia matou hoje”, apenas no primeiro semestre do ano de 2017, aconteceram 176 casos de assassinato por motivação homofóbica⁶ e no ano anterior foram registrados 343 mortes⁷. Por esses dados serem obtidos através do acompanhamento de matérias veiculadas em jornais e na Internet, número de mortes pode ser maior, por conta da subnotificação dos casos de homofobia.

⁴ Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/01/familias-partidas.html>

⁵ Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/dados-estatisticos/Relatorio2013.pdf>

⁶ Disponível em: <https://homofobiamata.wordpress.com/>

⁷ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/homofobia-mata-uma-pessoa-cada-25-horas-norte-tem-maior-indice-20819002>

Darde (2008) ressalta que os veículos jornalísticos têm como missão fornecer o máximo de informações possíveis para que o público forme sua opinião sobre o acontecimento noticiado. Todavia, o autor percebe que as estratégias para a criação de mensagens determinam e intensificam o processo de marginalização dos homossexuais, aumentando assim os casos de homofobia. Essa criação de estereótipos é confirmada por Ribeiro (2010) quando analisa uma matéria assinada pelo jornalista Paulo Sampaio veiculada no Folha de S. Paulo relacionada a Parada Gay de São Paulo de 2007 em que há grande generalização de atitudes de homens gays e mulheres lésbicas como mostrado a seguir

O repórter afirma que nada mais instrutivo para entender a diversidade homossexual do que ir em uma festa cheia de lésbicas, com churrasco e pagode e a outra de gays, cheia de homens bombados, dançando com tórax desnudo. [...] Os horários preferidos por um grupo ou pelo outro são absolutamente distintos. Enquanto as lésbicas abrem a programação às 16h, com um churrasco cujo auge é a apresentação de um grupo de pagode chamado Meninas do Ressaca, a dos gays começa por volta das 2h com *hard house*, música eletrônica de embalo que leva os participantes a um frenesi de pulos e gritos. O ritmo, segundo repórter, faria uma lésbica cervejeira “bufar de exaustão logo nos primeiros passos” (RIBEIRO, 2010, p. 58-59)

Com isso, percebe-se que, mesmo com as informações disponíveis sobre questões relacionadas a sexualidade e identidade de gênero, alguns jornalistas ainda reproduzem estereótipos que ofendem a comunidade LGBT. Portanto, a função do jornalismo é trazer aos diversos setores da sociedade a quebra do imaginário hegemônico visibilizando pautas sobre a homossexualidade, gerando reflexões sobre esse e outros temas de interesse público. Darde (2008) observa que

O jornalismo é um discurso que deve representar a diversidade de pensamento da sociedade contemporânea. Um dos principais deveres do jornalismo é o de dar lugar à pluralidade de vozes sociais, expressando a multiplicidade de formas culturais e incluindo os que parecem viver à margem da sociedade. O campo jornalístico, enquanto lugar de fala, legitimado sobre a realidade contribui para a definição de papéis e da afirmação de valores e sentidos na sociedade. (DARDE, 2008, p.224)

Por esse prisma, a produção audiovisual *Adeus, armário* busca retratar o ponto de vista de homens gays, estudantes da Universidade Federal de Viçosa, sobre o que é a “saída do armário” e o que isso provocou na vida deles seja no ambiente familiar, na vida universitária ou

na sociedade. A proposta é apresentar esses personagens trazendo a quebra dos estereótipos já consolidados no imaginário social e também conscientizar as pessoas que não possuem conhecimento sobre as pautas dos homens gays que não se encaixam no padrão branco, classe média e de corpo magro. Além disso, o documentário procura trazer entrevistados de contextos sociais diferentes e de cursos variados para emergir vozes que provavelmente seriam ignoradas em meios de comunicação mais tradicionais.

A nossa motivação principal para a realização desse projeto experimental é conhecer as diversas formas de experiência que cercam o mundo gay. É preciso considerar também que os nossos contextos familiares não contemplavam esse assunto, fazendo com que tivéssemos conhecimento mais aprofundado a partir do momento que ingressamos na universidade. Outro fator importante para a criação desse projeto é o maior conhecimento acadêmico sobre a história da homossexualidade, porque mesmo com a intensa convivência, não era o suficiente para despertar a curiosidade para compreender o tema de forma mais aprofundada.

Este memorial que acompanha o documentário será composto de dois capítulos. O primeiro, que busca fazer uma reflexão teórica dos eixos homossexualidade, armário e identidade, focando mais nos dois primeiros temas visto que estes são essenciais para a existência desse projeto experimental. O segundo será um relatório técnico em que o processo de pré-produção, produção e pós-produção é detalhado, mostrando assim como foi o processo de escolha dos entrevistados, como foram realizadas as entrevistas e como chegou ao nome do documentário e a identidade visual que ele tem.

CAPÍTULO 1: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

A homossexualidade sempre esteve presente na história da humanidade. Porém, a interpretação do que seja a homossexualidade torna-se refém de interpretações que variam de acordo com o tempo e vivência dos indivíduos.

O problema é que a homossexualidade é uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Assim, ela é uma coisa na Grécia Antiga, outra coisa na Europa do fim do século XIX, outra coisa ainda entre os índios Guaiiqui do Paraguai. Com este mesmo raciocínio, a homossexualidade pode ser uma coisa para um camponês do Mato Grosso, outra coisa para um candidato a governador do Estado de São Paulo em 1982 e, de fato, tantas coisas quanto os diversos segmentos sociais da sociedade brasileira contemporânea. (FRY; MACRAE, 1991, p.7)

A homossexualidade tende a ser tratada como um assunto polêmico, que gera controvérsias e divide opiniões em qualquer lugar onde é debatido. Almeida (2016) pontua que na Antiguidade, principalmente na Grécia Antiga, era vista como uma forma de ascensão social; na Idade Média “manter relações sexuais com qualquer outro fim que não fosse a produção de filhos era violentar a natureza” (ALMEIDA, 2016. p. 38) e as relações entre pessoas do mesmo sexo além de serem vistas como uma violação das leis naturais, eram punidas até com pena de morte assim como o adultério. Já no século XIX, era visto como doença psiquiátrica e também como um crime.

Em 1920, Freud afirma em vários trabalhos teóricos-clínicos que a homossexualidade é uma orientação sexual tão legítima quanto a heterossexualidade e que a psicanálise tem a função de compreender os mecanismos de escolha do objeto de atração e não tentar revertê-la. Os trabalhos mais relevantes para a compreensão dessa temática são: *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905, e sobretudo as notas de rodapé acrescentadas em 1925 e 1920), *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910), *O caso de Schreber* (1911) e *Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (1920). Ceccarelli (2008) aponta que o psicanalista comprova sua tese a partir do complexo de Édipo, fundado na ideia de bissexualidade original, considerando que todos os seres humanos possuem alguma atração por pessoas do mesmo sexo, mesmo que esta esteja no inconsciente da pessoa desde o início da vida.

Com isso, Freud divorcia a sexualidade de uma estreita relação com os órgãos sexuais, passando a considerá-la como uma função abrangente em que o prazer é a sua finalidade principal, sendo a reprodução uma meta secundária. Além disso, ao postular que a sexualidade vai além dos órgãos genitais, o autor leva “as atividades sexuais das crianças e dos pervertidos para o mesmo âmbito que o dos adultos normais”. (FREUD, 1925. p. 52 apud CECCARELLI, 2008. p. 75).

É importante ressaltar que na década de 20 houve forte influência de Teorias Higienistas. Góis (2002) mostra que, para os estudiosos da área, “Higiene seria uma área de conhecimento da Biologia com o objetivo de melhorar a qualidade de vida humana, prevenir as doenças, aprimorar a saúde, descobrir cientificamente os melhores hábitos para a defesa da saúde individual e coletiva” (GÓIS, 2002. p. 48). Porém, é preciso compreender que os esses novos hábitos higiênicos que seriam empregados em todas as atividades humanas como o trabalho e moradia não estão relacionados apenas aos corpos, mas também a moralidade. Sendo assim, Toniette (2006) retrata que a homossexualidade foi vista nesse período como uma atitude imoral, relacionada a pedofilia e possível vetor para doenças, o que se contrapunha ao ideal de “naturalidade” que era trazida pela masculinidade e pela heterossexualidade predominante da sociedade burguesa da época.

Para entender esse período, é preciso considerar as pesquisas realizadas no século anterior para tentar compreender a homossexualidade e buscar formas de curá-la. Toniette (2006) traz os exemplos de Karl Heinrich Ulrichs, que pesquisou entre os anos 1860 e 1890 o relacionamento afetivo entre pessoas do mesmo sexo chamando-o de Uranismo e o médico católico Richard von Krafft-Ebing que, em 1886, cunhou o termo homossexualismo alegando que a sexualidade deveria ser regulada para a reprodução das espécies e em respeito a Deus e a família. Por conta desse discurso médico, durante século XIX houve uma caça às “sexualidades periféricas”, que não condiziam a moral burguesa a ponto de enquadrar indivíduos em novas categorias. De acordo com Foucault (apud. TONIETTE, 2006), a homossexualidade, que antes era vista como uma prática sodomita passou a ser considerada uma espécie de hermafroditismo da alma.

O surgimento da pílula anticoncepcional na década de 1960 provocou uma mudança de paradigma sobre a sexualidade humana, porque “passou a desvincular o ato sexual da reprodução” (TONIETTE, 2006. p. 46), fazendo com que o prazer do ato sexual também tivesse foco assim como a reprodução.

Louro (2001) comenta que até o início dos anos 70, havia dois pontos de vista contraditórios sobre a homossexualidade, sendo que o primeiro grupo enxergava como um desvio moral e uma atitude pecaminosa que qualquer pessoa poderia sucumbir e o segundo como algo natural e normal, mas “todos parecem de acordo de que se trata de um ‘tipo’ humano distinto” (LOURO, 2001, p. 542).

Um marco importante para a discussão da homossexualidade na sociedade foi a Revolta de Stonewall, em 1969. Antes dessa revolta, a homossexualidade ainda era vista como uma doença mental a ponto de vários LGBTs serem internados em clínicas para serem submetidos a tratamentos sub-humanos como lobotomia (cirurgia realizada no cérebro dos pacientes) e castração química. Além disso, ser gay na década de 60 era considerado um desvio de caráter a ponto de serem expulsos de casa, não conseguirem emprego e ter como única forma de trabalho a prostituição. Soma-se isso a violência da polícia que era algo cotidiano na vida dos homossexuais, a ponto de serem levados à delegacia caso estivessem usando mais de três peças de roupa que não condizem ao sexo biológico ou por consumirem bebidas alcoólicas, já que existiam leis que proibiam a venda para esse grupo e ainda correrem o risco de serem estuprados e até mortos.⁸

É preciso considerar também que, em 1969, ano que ocorreu a revolta de Stonewall, eram proibidos estabelecimentos públicos que pudessem reunir homossexuais em Nova Iorque. Ribeiro (2010) aponta que foi a partir do acontecimento em Stonewall que gays e lésbicas passaram a entender o grau de opressão no qual estavam inseridos.

[As ruas de Greenwich Village] abrigavam muitos grupos jovens cuja política era definida pelo nascente movimento contra a guerra do Vietnã, ideologias de esquerda, do feminismo e de movimentos de direitos civis dos negros. Identificados com a realidade desses grupos sociais, gays, lésbicas estavam preparados para reconhecer a opressão e assim reagir a ela. (RIBEIRO, 2010. p.51)

A revolta de Stonewall aconteceu na madrugada do dia 28 de junho de 1969 no bar Stonewall Inn, lugar conhecido por acolher abertamente o público LGBT na cidade de Nova Iorque quando travestis, transexuais e homossexuais começaram a se opor a ação truculenta da

⁸ Disponível em: http://www.huffpostbrasil.com/vinacius-de-vita/o-que-mudou-depois-da-revolta-de-stonewall_a_21689515/e

polícia. O confronto durou vários dias e o bar virou barricada para resistir a força policial. No final, a população LGBT conseguiu ganhar o confronto e fomentou o surgimento do *Gay Power* e a realização de diversas marchas pelo Orgulho Gay um ano depois nos Estados Unidos. O conflito de Stonewall trouxe reflexos para o movimento gay do mundo inteiro.

No Brasil, por exemplo, diversos movimentos que buscam discutir a diversidade sexual passaram a existir a partir da década de 70, na mesma época em que estava acontecendo o processo de abertura política nos últimos anos da Ditadura Militar. Freire (2012) observa que essa militância nascente, além de combater os estigmas relacionados a homossexualidade, era um movimento com ideias da Contracultura e antiditatorial, buscando revolucionar a forma de como a homossexualidade é vista, parando de repetir modelos heterossexuais sendo que “sempre haveria um ‘dominador’, o homem heterossexual ou o homossexual ativo; e um “dominado”, a mulher heterossexual ou o homossexual passivo” (FREIRE, 2012. p. 93). Mesmo assim, nem todos os indivíduos se sentiam contemplados.

Por conta do descontentamento de alguns grupos que não estavam se sentindo representados pelo movimento gay composto majoritariamente por homens brancos e de classe média, no final dos anos 80, emergem novos discursos e práticas ligadas a esses grupos marginalizados chamado movimento *queer*, um termo em inglês que significa “estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário” (LOURO, 2001, p. 546). Porém, é preciso ressaltar que essa palavra era utilizada de forma pejorativa para ofender homens e mulheres homossexuais e que depois passou a ser vista como uma forma de ação mais transgressiva e perturbadora.

Nessa mesma época, estudiosos americanos da cultura gay e lésbica se apropriam desse termo para a realização de pesquisas que passaram a questionar as identidades sociais vigentes.

Descendendo teoricamente dos estudos gays e lésbicos, da teoria feminista, da sociologia do desvio norte-americana e dos pós-estruturalismo francês, a teoria *queer* surge em um momento de reavaliação crítica da política de identidades. Assim, busca evidenciar como conhecimentos e práticas sexualizam corpos, desejos, identidades e instituições sociais numa organização fundada na heterossexualidade compulsória (obrigação social de se relacionar amorosa e sexualmente com pessoas do sexo oposto) e na heteronormatividade (enquadramento de todas as relações – mesmo as supostamente inaceitáveis entre pessoas do mesmo sexo – em um binarismo de gênero que organiza suas práticas, atos e desejos a partir do modelo do casal heterossexual reprodutivo).(PINO, 2007, p. 160)

Ribeiro (2010) cita que esses estudos são baseados principalmente na teoria de Foucault e nas ideias pós-estruturalistas, passando a questionar as identidades que até então eram consideradas estáveis e mostra a existência de identidades minoritárias como a homossexual. A primeira influência é mais embasada no livro *A vontade de saber*, primeiro volume da *História da Sexualidade*, e o psicanalista propõe que “sexo não é algo proibido ou reprimido, mas algo que incita o discurso, um terreno feito de escrita, de investigação, de testemunho, de conhecimento” (RIBEIRO, 2010, p.47).

1.1 Homossexualidade, identidade e a metáfora do armário

A metáfora do armário pode ser compreendida como lugar social e psicológico que, no passado e até os dias atuais, inclusive em contextos específicos (familiar, trabalho, situação econômica, etc), muitos gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais se encontram, e também fazem uso. Sedgwick (2003) conceitua a metáfora do armário ressaltando que gays, lésbicas, bissexuais e pessoas trans, mesmo que elas sejam assumidas, precisarão retornar ao armário seja “com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas” (SEDGWICK, 2003. p. 22). Para isso, utilizam-se de mecanismos para que a sexualidade seja ou não percebida pelos interlocutores ou para que esta seja escondida em situações novas no cotidiano.

Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante. No nível mais básico, tampouco é inexplicável que alguém que queira um emprego, a guarda dos filhos ou direitos de visita, proteção contra a violência, contra “terapia”, contra estereótipos distorcidos, contra o escrutínio insultuoso, contra a interpretação forçada de seu produto corporal, possa escolher deliberadamente entre ficar ou voltar para o armário em algum ou em todos os segmentos de sua vida. (SEDGWICK, 1990, p. 22)

Sedgwick (1990, *apud* Miskolci, 2009), entende o armário como um instrumento regulador da sexualidade humana na sociedade ocidental fazendo com que a heterossexualidade seja algo destinado a esfera pública e a homossexualidade ao privado desde o fim do século XIX com um “conjunto de normas nem sempre explícitas, mas rigidamente instituídas.” (MISKOLCI, 2009. p. 171). Dessa forma, o ato de assumir-se gay em uma sociedade homofóbica significa

correr o risco de ser expulso de casa, perder o emprego ou ainda ter a sua vida colocada em risco. Por isso que indivíduos que sentem atração por pessoas do mesmo sexo são colocados “dentro do armário”.

A subversão desse lugar do armário deu-se nos anos 1970 depois da revolta de Stonewall, uma vez que a “saída do armário” viria a ser palavra de ordem para saída de um lugar de vergonha e assumir o espaço do orgulho⁹. Porém, Sedgwick (2003) faz uma ressalva de que as revelações sobre a homossexualidade de alguém, sobretudo aquelas acontecem de forma involuntária não foram afetadas por esse evento provocando surpresa e prazer ao tomar conhecimento do segredo.

Sendo assim, a imagem do armário no século XX passou a ser vista como sinônimo de privacidade ao mesmo tempo que é visto como “a estrutura definidora da opressão gay no século XX”. (SEDGWICK, 2003. p. 26). O caso usado para explicar essa contradição é o caso Bowers versus Hardwick. Em 1982, policiais entraram na casa de Hardwick e ele foi flagrado fazendo sexo oral em outro homem e ambos foram presos e processados por haver uma lei no Estado da Geórgia que proíbe a prática de sexo oral e anal (sodomia) mesmo que a prática tenha sido realizada com o pleno consentimento de dois adultos e em local privado. Anos depois, em 1986 Hardwick, com o apoio da *American Civil Liberties Union*, conseguiu processar Bowers, o delegado geral da Geórgia e o caso foi encerrado. Em resposta aos ataques homofóbicos a esse caso, grupos passaram a emitir discursos que incentivavam os homossexuais a rejeitarem a privacidade do armário e, como consequência, assumirem a sua identidade enquanto gays.

Porém, assumir-se enquanto gay na sociedade ficou mais complicado devido ao surto de AIDS que iniciou-se nos anos 80. Durante esse período no Brasil, começa a ser veiculado através dos meios de comunicação uma doença que ficou conhecida por ser “vinda do exterior”, mais especificamente, de Nova York (Estados Unidos). Segundo Carrara, através de Bastos (BASTOS et. al., 1993), a doença era conhecida como “peste gay” ou “câncer gay” e era diretamente vinculada a homossexualidade. A doença era considerada exclusiva dos homossexuais de classe alta, pois estes possuíam recursos para realizar viagens ao exterior. Este estereótipo se firmava devido a sua primeira vítima fatal, um costureiro gay de classe alta.

⁹ <http://blogueirasfeministas.com/2013/06/dos-armarios-nossos-de-cada-dia/>

Na época, a doença não recebia atenção especial das autoridades sanitárias, pois havia a crença de que a doença se limitava somente a grupos minoritários, e essa visão se justificava no contraponto entre a AIDS e as doenças relacionadas a pobreza. Mediante ao quadro, diversos grupos homossexuais se mobilizaram diante da questão, através de discussões sobre a segurança nas práticas sexuais, e também no combate a correlação da AIDS com a homossexualidade. As mobilizações não alcançaram a todos os homossexuais, mas sim a parcela que possuía maior acesso a informações e/ou maior militância e participação na comunidade.

Ao longo dos anos 80 e início dos anos 90, diversas organizações não-governamentais se estruturaram a fim de difundir informações sobre prevenção, apoio a portadores do HIV, e fiscalização das medidas governamentais. A primeira organização a se estabelecer foi o Grupo de Apoio e Prevenção da AIDS (Gapa). Estruturado em 1985, foi fundado pelo esforço de profissionais da saúde engajados na questão e militantes do movimento homossexual.

Mesmo com as mortes e a violência causada pelo surto de HIV, percebe-se que o debate sobre a homossexualidade deixou de estar restrito aos guetos e passou a ganhar visibilidade e atenção nos espaços públicos. De acordo com Simões e França (2005), isso foi provocado por conta da maior difusão de informações relacionadas a prevenção do HIV como o uso de camisinha, sexo oral e sexo anal. É preciso considerar também outro marco importante e que provocou uma comoção pública foi a capa da *Veja* do dia 26 de abril de 1989 em que trazia a foto de Cazuzza bastante debilitado com o título “Uma vítima de AIDS agoniza em praça pública”. Nessa mesma época, declarou em entrevista que era mais possível falar de homossexualidade de uma forma mais aberta. Com isso, mais artistas passaram a se assumir publicamente ou então declarando apoio a causa.

Como consequência, na década de 90, há o surgimento das Paradas do Orgulho Gay, que possuem como objetivo lutar pelos direitos da população gay, lésbica, bissexual, transexual e travesti além de reafirmar perante a sociedade que eles existem. Para Nussbaumer (2001) a emergência de uma cultura gay faz com que emergjam duas situações antagônicas: uma no sentido de homogeneização dessas identidades para colocar as pessoas gays em um patamar “aceitável” e a questão do orgulho para celebrar todos os aspectos sexuais possíveis.

Stuart Hall (*apud* RIBEIRO, 2010) considera que o debate para a afirmação das identidades está cada vez mais vinculado ao processo de globalização considerando que isso está diretamente relacionado “ao questionamento das estruturas nacionais, ao intenso processo de

migração, a homogeneidade cultural propiciada pelo mercado global” (HALL *apud.* RIBEIRO, 2010, p. 33). Sendo assim, podemos considerar que

Identidade é a denominação dada às representações (ideias e sentimentos) que o indivíduo desenvolve a respeito de si próprio, a partir do conjunto de suas vivências. A identidade é síntese pessoal sobre o si-mesmo, incluindo dados pessoais (cor, sexo, idade), biografia (trajetória pessoal), atributos que os outros lhe conferem, permitindo uma representação a respeito de si. (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 2009, p.187).

A identidade compreende o ser humano a partir de sua totalidade por um conjunto de papéis exercidos na sociedade, mas sempre recordando da sua individualidade. Várias correntes Psicologia e a Psicanálise reconhecem a importância desta para o indivíduo visto que “eu passo a ser alguém quando descubro o outro, e a falta de tal reconhecimento não me permitiria saber quem sou, pois não teria elementos de comparação que me permitissem ao meu eu destacar-se dos meus outros eus.” (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 2009, p.208).

No Brasil, a militância dos grupos LGBT tem conseguido algumas conquistas. Em 2010, os casais homoafetivos garantiram o direito a adoção de crianças, a inclusão de seus companheiros como dependentes do Imposto de Renda e também o direito à herança ou pensão de cônjuges falecidos. A união estável entre homossexuais se confirmou em 2011¹⁰ por decisão do Supremo Tribunal Federal e, em 2013, foi emitida uma resolução pelo Conselho Nacional de Justiça determinando que qualquer cartório do país é capaz de realizar o casamento civil entre homossexuais.

Mesmo com todos esses direitos conquistados pelos homossexuais, ainda não consta a criminalização da homofobia, pois por mais que existam projetos de lei tramitando pelo Congresso Nacional, nenhum ainda foi aprovado. Além disso, no Brasil os homossexuais ainda são considerados grupo de risco para a doação de sangue e acabam enfrentando dificuldades. O ministro do supremo Tribunal Federal (STF), Edson Fachin, votou no dia 19/10/2017 pela inconstitucionalidade das normas impostas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e do Ministério da Saúde, onde é declarado que gays devem ter um período de 12 meses após a sua última relação sexual para que possam doar sangue. O ministro explicita que as normas não deveriam excluir os homossexuais de exercer sua cidadania, pois acredita que a

¹⁰ Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=178931>

exclusão preventiva de qualquer grupo é inconstitucional e que o controle de qualidade do sangue deve ser feito através de exames adequados, e não com base em orientação sexual.¹¹

¹¹ Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-10/relator-no-stf-diz-que-impedir-homossexual-de-doar-sangue-e-discriminacao>

CAPÍTULO 2: RELATÓRIO TÉCNICO

2.1 Pré-produção

A escolha do tema foi realizada após muita dificuldade, pois a ideia inicial não era para ser sobre esse tema especificamente. Nós optamos inicialmente sobre falar sobre o grupo LGBT como um todo, mas necessitaríamos de uma base teórica extensa para ilustrar todos os assuntos que iríamos abordar nas filmagens do documentário. Após refinar o tema, escolhemos falar sobre homens gays, estudantes da Universidade Federal de Viçosa, que façam parte de cursos variados e que compunham várias classes da sociedade como pessoas negras e pessoas que não se encaixam no padrão branco, classe média e de corpo magro. A temática seria sobre a experiência individual que cada entrevistado teve sobre o momento em que se assumiu para a família e a sociedade e o que essa atitude trouxe posteriormente.

A escolha do gênero foi o documentário, pois a abordagem utilizando imagens e sons poderia trazer uma melhor imersão, combinando a narrativa, a emoção e experiência de cada entrevistado. Utilizamos os conceitos de Nichols (2005) de documentário de representação social para melhor abordagem:

Os documentários de representação social são o que normalmente chamados de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria do que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos. Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos neles. Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos. (NICHOLS, 2005, p. 26-27).

Buscamos escolher alunos de variadas áreas e departamentos, pois era esperado que a visão interna de cada curso gerasse relatos diferentes entre si. Por exemplo: acreditávamos que estudantes do campo das exatas teriam um pouco mais de dificuldade, pois permeia um imaginário de que essa área tenha certa resistência em discutir a homossexualidade. Em contrapartida, imaginávamos que as áreas de humanas e biológicas, a tolerância seria maior com casos de homossexualidade entre alunos. Por maior reivindicação de representatividade,

buscamos incluir nesse documentário homens gays negros, mesmo não existindo um aprofundamento sobre questões raciais. Era pretendido que essa discussão acontecesse, mas devido ao curto tempo proposto de duração, decidimos não aprofundar nas especificidades do homem negro e gay.

Escolhemos fontes que possuíamos mais afinidade, pois algumas perguntas planejadas poderiam ser desconcertantes e íntimas, podendo gerar desconforto a desconhecidos. Imaginamos que eles provavelmente não falariam com certa tranquilidade sobre esses assuntos, pois não haveria a reciprocidade na confiança.

Foram realizadas pré-entrevistas entre agosto e setembro de 2017 com os possíveis participantes, para delimitar os assuntos que poderiam ser abordados e também para a escrita do perfil das fontes. Para isso, realizamos as seguintes perguntas:

1. Quando você começou a se entender como um homem gay?
2. Quando você se aceitou?
3. Qual foi a reação da sua família ao se assumir?
4. Qual foi a reação dos seus amigos?
5. A sua sexualidade lhe trouxe problemas?
6. Quais foram as vantagens de ter se assumido?
7. Qual foi a sensação de estar com alguém do mesmo sexo pela primeira vez?
8. O que é sair do armário para você?

Com essas perguntas, chegou-se ao total de 11 entrevistados e as temáticas necessárias para o documentário: família, religião, movimento LGBT, relação com a Universidade Federal de Viçosa e com a sociedade.

Além da realização das pré-entrevistas, houve também reuniões de orientação com a orientadora e a coorientadora que ajudaram a definir prazos e auxílio na busca do referencial teórico. Nessa primeira fase, o foco das leituras esteve direcionado a entender a história da homossexualidade, principalmente a masculina que é o objeto deste documentário, a

homofobia¹², o conceito teórico de armário e os estudos de gênero. Foi a partir desse ponto que iniciou a escrita do primeiro capítulo do memorial.

2.2 Produção

2.2.1 Fontes

Com os 11 entrevistados escolhidos e os temas que seriam relevantes para a montagem do documentário delimitados, iniciou-se a fase de gravações, que durou desde a segunda quinzena de setembro até a primeira quinzena de outubro, visto que um dos entrevistados estava morando em outra cidade enquanto estavam sendo feitas as gravações. Devido ao horário bastante restrito das fontes, a maioria das entrevistas foram realizadas na casa dos participantes e em grande parte delas, à noite, pois algumas pessoas estariam em horário de aula ou comparecendo a outros compromissos.

As 11 pessoas entrevistadas foram:

¹² Rejeição ou aversão a homossexuais e à homossexualidade.

Demerson Soares Mariano



Figura 1: Demerson Soares Mariano

É estudante de Química na Universidade Federal de Viçosa, tem 21 anos e diz que “nasceu fora do armário”. Ele afirma isso visto que a família aceitou bem a sexualidade dele e, como ele mesmo disse, não faz questão de usar máscaras diz, porque isso faz parte da essência dele. Mesmo assim, afirma que confirmou sua homossexualidade quando estava no Ensino Médio.

O único problema que teve relacionado à sexualidade foi no momento de conseguir um emprego. Uma pessoa o havia indicado para ocupar uma vaga em uma sorveteria, mas não foi aceito por conta da homossexualidade. Porém, ele conseguiu emprego em um salão de beleza no final de 2013 e trabalhar lá é libertador e pode ser ele mesmo.

Para ele, os homossexuais não saem do armário, mas se escondem nele para serem melhor aceitos na sociedade, sobretudo se estes forem negros e indígenas. Ressalta também a hipocrisia que acontece na sociedade em que se discursa bastante a favor da diversidade, mas que a rejeita ao mesmo tempo. Mesmo havendo esse problema, se diz tranquilo com quem ele é e a cada dia se impõe para estar nos espaços.

Farley Avelino Silva



Figura 2: Farley Avelino Silva

É estudante de Administração na Universidade Federal de Viçosa, tem 22 anos e começou a entender-se como um homem gay bastante novo. Esse acontecimento se deu na primeira série do ensino fundamental mesmo tendo algum interesse em meninas. Devido a uma rotina bastante restrita que se resumia em ir para a escola de manhã, ficar em casa a tarde e ir à igreja a noite, não conhecia outras possibilidades fora da cidade de Capim Branco a não ser continuar atuando na Assembleia de Deus Castiçais de Ouro.

Sua relação com a igreja mudou bastante. Para ele, desprender-se dos dogmas foi bastante complicado, pois tentara de diversas maneira alguma cura para a homossexualidade. Ele revelou ainda que gostava bastante de ouvir pastores que demonizavam os LGBTs como Silas Malafaia e sempre questionava Deus o porquê de ele ter nascido dessa forma e orava bastante para alcançar a cura. Tudo isso sem sucesso.

O processo de saída foi gradual e lento. Chegou a ter sintomas de depressão a ponto de ficar em casa sem querer ver as pessoas e a ter tonturas que chegaram a durar um mês inteiro. Mesmo não sendo vítima de homofobia na rua, conta que chegou a ser agredido na escola no Ensino Fundamental e Ensino Médio por ser considerado o “viadinho da turma”.

Assumir-se para mãe foi bastante fácil, pois ela estava se questionando se a homossexualidade dele era verdadeira e temia a reação do restante da família, principalmente de uma tia bastante conservadora. Essa tia, quando soube, chegou a dizer que preferia vê-lo morto ou viciado em drogas do que estar em um relacionamento com outro homem. Sair do armário para ele foi descobrir algo que faltava na essência dele. Como ele mesmo diz, hoje se sente mais completo que antes.

Gustavo Augusto Vicente



Figura 3: Gustavo Augusto Vicente

É estudante de Dança na Universidade Federal de Viçosa e tem 22 anos. Começou a perceber que tinha atração sexual por homens em 2011, aos 16 anos, quando foi para a cidade de Canaã, mas foi apenas no ano de 2014 quando estava no primeiro período do curso de Dança que esse pensamento passou a ser mais persistente. Resolveu assumir para a mãe em 2016 e ela até hoje não consegue aceitar a sexualidade dele. Já o restante da família reagiu bem assim como os amigos que já percebiam que ele era gay.

Mesmo tendo resistência apenas com a mãe, ele afirma que estar fora do armário trouxe coisas muito boas como carregar um fardo menor em relação a sexualidade dele e conhecer

peças novas sem medo. Além disso, entende essa saída como uma forma de ser livre independentemente das imposições sociais e ser feliz.

João Pedro Paixão DeAcaia



Figura 4: João Pedro Paixão DeAcaia

João Pedro tem 24 anos, cursa Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa. João diz que sempre achou rapazes e moças interessantes, sempre teve amigos LGBT, mas se descobriu realmente gay aos 17 anos, quando teve seu primeiro beijo com um rapaz.

Ele diz que nunca teve problemas quanto à sua sexualidade, mas sua descoberta foi gradual, pelo fato de naquela época se relacionar com ambos, achava isso muito natural.

Contar para seus amigos nunca chegou a ser um problema, todos o compreendiam, pois também faziam parte do meio. Contar para a família foi estranho de começo, seus pais sentiram estranheza com o fato, mas não foram resistentes. João afirma que seus avós sabem de sua homossexualidade, mas fingem não saber.

João comenta que o relacionamento gay possui altos e baixos como qualquer tipo de relacionamento, mas quando comenta sobre ser gay, ele acha uma coisa boa e nunca se viu inferior quanto a isso, apesar de existirem problemas, ainda mais quando o assunto são as

minorias. Para ele, passar por problemas faz ter uma perspectiva mais ampla e lógica das coisas, um amadurecimento mais proveitoso.

Ele conta que passou por um momento difícil em sua vida, teve sua casa invadida e foi espancado por um desconhecido que o deixou desmaiado no chão do seu quarto.

João diz que sair do armário é se aceitar, não se ver como uma pessoa desviada ou doente, perceber que você é sua prioridade, e assim, viver da melhor forma possível.

Lucas Carvalho Tacchi



Figura 5: Lucas Carvalho Tacchi

Lucas faz o curso de Secretariado Executivo Trilíngue na Universidade Federal de Viçosa e tem 21 anos. Começou a se entender enquanto gay aos 10 anos de idade, mas aceitou-se por volta dos 17 anos. Lucas se considera uma pessoa de sorte, porque a reação dos familiares foi bastante tranquila mesmo com o choque que foi a revelação no início.

O único problema que teve em relação à sexualidade foi ocasionado por um mal-entendido. O celular que ele usava na época estava apresentando muitos problemas, fazendo com que tire *prints* acidentalmente de imagens compartilhadas pelo aplicativo Snapchat, no qual as pessoas postavam vídeos e fotos que são destruídos em 24 horas. Um amigo ficou profundamente

ofendido com a situação, acusando-o de ter algum interesse sexual nele. Além disso, ele pontua que uma vez ao andar pela rua, um homem passa de carro gritando palavras de ódio.

Para definir o que é sair do armário, ele entende esse processo em três etapas: a primeira em que a pessoa se aceita, a segunda que revela para as pessoas mais próximas como os amigos e por último a família. Antes de sair do armário, conta que era uma pessoa muito reprimida, sem paciência com as pessoas e com constantes crises de estresse. Agora é uma pessoa que não precisa fingir quem é e, como consequência, leva uma vida mais saudável.

Marcelo Rodrigues de Souza



Figura 6: Marcelo Rodrigues de Souza

É graduando em Educação Infantil pela Universidade Federal de Viçosa e tem 22 anos. Como ele mesmo diz, descobriram para ele que era gay. Mesmo aceitando isso, apelidos que eram dados na escola por conta da sexualidade machucavam muito. Assumiu-se em janeiro de 2015 para a família e ficou surpreso com a reação já que os pais são evangélicos. O pai, que é pastor, mesmo não aceitando, disse que iria respeitar a decisão dele e a mãe teve um pouco de resistência, mas no fim aceitou. Com isso, ele afirma que trouxe uma vida nova para ele mais leve do que antes.

O problema que ele encontra devido à sexualidade é na hora de atuar no mercado de trabalho. Por estar na área de educação, alguns pais sentem-se receosos em deixar os filhos com um professor do sexo masculino. Essa resistência ainda é maior quando esse mesmo professor se declara homossexual.

Sair do armário para ele é poder encontrar a si mesmo e se conhecer melhor. Além disso, entende que a heterossexualidade não deveria ser uma imposição social na vida das pessoas e que a homossexualidade deveria ser vista como algo mais natural.

Pedro de Oliveira Milagres



Figura 7: Pedro de Oliveira Milagres

É estudante de Educação Física na Universidade Federal de Viçosa e tem 21 anos. Ele não se lembra exatamente quando começou a compreender-se como gay, mas recorda de situações na primeira série do Ensino Fundamental, nas quais sentia maior atração emocional pelos meninos da sala.

Ao assumir-se, passou por diversas situações. Não teve problema com o pai, porque este também era gay e ele mesmo havia perguntado sobre a orientação sexual dele. Alguns amigos aceitaram enquanto outros passaram a ter mudanças sensíveis no comportamento como ter menor

contato físico. O choque maior foi com a mãe gerando muitas brigas e obrigando a ele sair de casa duas vezes.

Ser um homem gay negro para ele é ter que confrontar constantemente o movimento LGBT, pois, para ele, esse apenas contempla pessoas brancas e de elite fazendo com que ele não se sinta representado. Além disso, procura na sua militância as questões que dizem respeito às pessoas negras, principalmente aos homossexuais do sexo masculino como a hipersexualização do corpo negro e como esse mesmo corpo é maior vítima da violência homofóbica.

Para Pedro, sair do armário é “ser bonita, colocar a cara no sol, legitimar seu espaço e levar tapa na cara todo dia”, mesmo sabendo das situações ruins que podem acontecer. Além disso, assumir-se para a sociedade é uma forma de descobrir-se melhor do que já era e aproveitar uma “liberdade” que esta oferece, já que ele entende que somos podados o tempo todo para seguir um padrão pré-estabelecido.

Robson Filho



Figura 8: Robson Filho

Ele tem 23 anos, formado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa. Robson já se sentia diferente desde criança, mas ainda sem entender do que se tratava. Na

adolescência, este sentimento se intensificou, mas, por achar que era errado, que era pecado, negou, tentou mudar, tentou ser ou parecer ser o que não era, inclusive, durante dois anos namorou uma mulher. Foi um longo período de negação e de conflito, principalmente com a questão religiosa. Robson pedia diariamente para que Deus o curasse, e isso durou até a chegada a universidade. Dentro da UFV, ele foi compreendendo, dentre outras coisas, que não poderia ser punido por algo que não escolheu, começando então a se aceitar. Em 2014, Robson teve sua primeira experiência com homens, mas sigilosamente, não queria que as pessoas soubessem sobre sua orientação. Para poder se relacionar e ao mesmo tempo não deixar que conhecidos descobrissem, Robson ia para festas em BH, pois lá poderia ser ele mesmo.

No final de 2014 até o início de 2015, Robson decidiu contar para os amigos mais próximos e em seguida deixar que as outras pessoas ficassem sabendo aos poucos. Ele não teve problemas com os amigos e alguns se aproveitaram para contar que também eram gays. Robson tinha problemas em se assumir para sua mãe, havia tentado e não teve coragem. Apenas em 2016 ele se assumiu para sua mãe, instantes antes da apresentação do TCC. Robson diz que foi um alívio e muito emocionante! Sua mãe o aceitou muito bem, pois só era necessário esperar a ocasião certa.

E foi com TCC que ele saiu do armário oficialmente, contando a sua história. Os familiares restantes que ainda não sabem, somente descobrirão quando possuírem o exemplar de seu livro. Seu maior desafio no momento é o seu pai, este provavelmente desconfia, mas Robson ainda não teve coragem de se assumir para ele.

Para Robson, apesar de tantas coisas ruins envolvidas, alguns sofrimentos internos e externos, houve principalmente coisas boas em sair do armário, foi uma libertação. Sair de lá é assumir a real identidade, a pessoa passar a ser quem realmente ela é.

Sérgio Luiz Félix



Figura 9: Sérgio Luiz Félix

É estudante de Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa e tem 22 anos. Passou por uma fase de negação na pré-adolescência a ponto de ter uma vida sexual bastante ativa que era escondida de várias pessoas por medo de julgamentos. Começou a se aceitar como um homem gay quando Farley, o atual namorado, propôs que passassem por esse processo de aceitação juntos, alguns meses depois de se conhecerem. Assumiu-se enquanto estava namorando e, para ele, contar para a família foi tranquilo e a mãe apoiou bastante. Ela e as irmãs de alguma forma sabiam da homossexualidade dele, principalmente depois que as irmãs viram mensagens trocadas entre ele e Farley. Foi o primeiro dos amigos a se assumir e, tempos depois, descobre que as pessoas que estavam ao redor também eram homossexuais e que estas também estavam passando pelo processo de aceitação.

Por ter se assumido, alguns parentes se afastaram, mas, segundo ele, eram pessoas com as quais não tinham vínculos afetivos. Todavia, os pensamentos suicidas e os problemas emocionais diminuíram consideravelmente além do ciclo social ter aumentado, passando a enxergar o mundo de outra forma. Por isso, sair do armário é um ato político, quase heroico. É estar sujeito a muita coisa como a violência e afastamento de várias pessoas ainda mais hoje em dia com o constante avanço do conservadorismo.

Victor Cruz da Silva Oliveira



Figura 10: Victor Cruz da Silva Oliveira

Ele tem 22 anos e é estudante de Engenharia Florestal na Universidade Federal de Viçosa. Entendeu-se como gay por volta dos 12 anos de idade e desde então passou a tentar encontrar formas de cura para a homossexualidade, seja com orações para Deus ou tentando se inspirar em depoimentos de conversão de “ex-gays”. Desses, o mais marcante para ele foi um vídeo passado em um retiro de um pastor que era uma “ex-travesti”. Depois desse dia, passou a orar bastante para ser curado como ele, mas não deu certo.

Quando contou para os amigos, eles fizeram de tudo para apoiá-lo. Já com a mãe, a situação foi completamente diferente. Contou para ela em 2015, enquanto estava na cidade de Três Rios estudando para o Enem para conseguir ingressar no curso de Engenharia Florestal. Ela passou a desconfiar de algo quando Victor ficava mais tempo fora de casa. Então, ele aproveitou essa situação para contar que é gay. Ele relata que a mãe ficou em choque e ficaram por volta de um mês sem conversar e, mesmo passado esse tempo, apenas falavam sobre assuntos essenciais.

Quando chegou perto do ano novo, tentou convencer a mãe a deixá-lo ir para Juiz de Fora passar a virada do ano com os amigos, mas ela não autorizou. Victor então viu uma

oportunidade de confrontá-la perguntando se ela tinha algum problema em pessoas LGBTs e ela disse que sim e a partir disso começou a proferir um discurso fortemente homofóbico.

Vitor Ferreira Daher



Figura 11: Vitor Ferreira Daher

Vitor tem 28 anos, cursa Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Viçosa. Vitor já sabia de sua orientação sexual desde sua juventude, mas não podia comentar dentro de casa sobre o assunto, pois sua criação foi baseada em crenças evangélicas e seus pais sempre demonstravam certa aversão a homossexualidade, devido a um membro da família declaradamente homossexual.

Desde jovem, já tinha certeza que não queria continuar a viver em sua cidade (Manhuaçu), sempre sonhou em estudar fora, pois não era feliz com sua religião, não tinha liberdade, não tinha amigos. Quando chegou à UFV, sentiu-se livre, pois não precisava mais ter tanto medo de se conhecer, e poderia ser em Viçosa o que não podia ser dentro de casa.

Vitor passou dificuldades quando seus pais descobriram sua homossexualidade, porque, a partir daquele momento, ele fora deserdado e perdeu contato com sua família, tendo então que trabalhar para custear seus gastos.

Comentando sobre sair do armário, Vitor diz antes de sair do armário ele era uma pessoa infeliz, pois tinha que se esconder de tudo e todos, mas ressalta que cada pessoa sabe de si e por mais que seja uma atitude legal a de sair do armário, cada pessoa tem o seu tempo, e esse pode chegar ou não.

2.2.2 Realização das entrevistas

Para conceituar entrevista, Medina (2008) utiliza os conceitos de Edgar Morin para distinguir quatro tipos de entrevista: entrevista-rito, entrevista anedótica, entrevista-diálogo e as neoconfissões. O último conceito é o mais relevante para a realização deste documentário visto que:

o entrevistador se apaga diante do entrevistado. Este não continua na superfície de mergulho interior. Alcançamos aqui a entrevista em profundidade da psicologia social. Tal entrevista traz em si sua ambivalência: toda confissão pode ser considerada como um strip-tease da alma, feita para atrair a libido psicológica do espectador, quer dizer, pode ser objeto de uma manipulação sensacionalista, mas também toda a confissão vai muito mais longe, muito mais profundamente que todas as relações humanas superficiais e pobres da vida cotidiana. (MORIN apud. MEDINA, 2008. p.15).

Nessas entrevistas, foram feitas as perguntas que estavam na pré-entrevista e adicionadas as que estão abaixo devido à necessidade relatarmos as experiências desses entrevistados tanto no ambiente universitário quanto na sociedade como um todo, passando pelo entendimento do indivíduo dentro do movimento LGBT.

Sobre ser gay na universidade

1. Você era assumido antes de estar na UFV?
2. Como via a homossexualidade antes de estar na universidade?
3. Como você imagina o posicionamento da UFV em relação a homossexualidade?
4. Você acha que a homossexualidade é bem aceita no seu curso?

Sobre ser gay na sociedade

1. Como é a sua relação entre religião e homossexualidade?

2. Como enxerga o movimento LGBT?

Por haver quatro entrevistados que se declaram negros, pretende-se fazer essas perguntas além das citadas anteriormente:

1. Como se sente sendo um homem negro gay na sociedade?
2. No seu processo, foi mais fácil se aceitar enquanto gay ou como negro?

Os equipamentos utilizados foram duas câmeras Nikon, sendo que uma é do modelo D7100 e outra, D7200 com lente de 35mm. Além disso, foram utilizados dois tripés e um microfone de lapela sem fio da marca Saramonic conectada a uma das câmeras. A maioria desses materiais são de propriedades dos próprios estudantes, exceto um dos tripés que foi utilizado nas gravações.

Por serem muitos entrevistados, optou-se por manter o mesmo enquadramento para todas as pessoas que apareceram no documentário para evitar a impressão de que tivemos mais engajamento com certas histórias do que com outras. Então os personagens foram gravados em primeiro plano¹³, onde a figura humana é enquadrada do peito para cima. Essa lógica foi inspirada nos documentários *Leve-me pra sair*¹⁴ do Coletivo Lumika e Mãe, precisamos conversar¹⁵, produzido pelo canal no YouTube Interação Filmes.

Devido à restrição de horário dos entrevistados, não foi possível fazer com que as locações fossem elemento significativo para a narrativa desse documentário, pois algumas das entrevistas eram realizadas na parte da noite e na casa dos próprios entrevistados. Além disso, essas locações não favoreciam a filmagem das personagens por um ângulo mais aberto

¹³ <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=7U3xUZdU3Us&list=PLYqc9NyMU8jKawPwiMBwGGcCI8onPjD6T>

¹⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=L4-nCBp7tpQ&t=152s>



Figura 12: O primeiro plano é caracterizado por enquadrar a figura humana do peito para cima

2.3 Pós produção

Durante a edição, percebeu-se que alguns personagens comentavam sobre mais temas do que os outros. Victor Cruz, por exemplo, falou mais sobre a questão da família e de religião enquanto Marcelo Souza comentou mais sobre a relação que tem com o curso de Educação Infantil. Por conta disso, houve a necessidade de rever todo o material gravado e as decupagens para conseguir identificar quais são as falas mais relevantes de cada personagem.

Depois da análise desse material, elaboramos um pré-roteiro, no qual era esquematizada a ordem dos assuntos que iriam aparecer no documentário. Basicamente, este pré-roteiro teve como estrutura as sequências narrativas descritas abaixo:

SEQUÊNCIA 1: QUANDO COMEÇOU A SE ENTENDER COMO UM HOMEM GAY?

Essa sequência dará o início aos depoimentos que irão compor o documentário. O foco é apresentar as personagens que estarão nesse documentário além de tentar compreender como foi o início do processo de entendimento enquanto homem gay.

SEQUÊNCIA 2: REAÇÃO DE PESSOAS PRÓXIMAS

O foco é compreender um pouco a reação das pessoas que cercam cada personagem quando esta se assumiu dividido em dois grupos: os amigos e a família. Busca explorar também a diferença de tratamento em cada um dos casos.

SEQUÊNCIA 3: RELIGIÃO

Algumas vivências para se entender enquanto homem gay perpassam a esfera da religião. Com isso, a ideia dessa sequência é mostrar os efeitos positivos e negativos da religião no processo de autoaceitação e se ela possui alguma influência mesmo depois da “saída do armário”.

SEQUÊNCIA 4: CASOS DE HOMOFOBIA

Aqui procura mostrar relatos de homofobia que alguns entrevistados já viveram desde olhares até xingamentos e agressão física.

SEQUÊNCIA 5: O QUE É SER NEGRO E GAY NA SOCIEDADE

Nesse documentário, há a presença de quatro homens gays que se declaram negros. A partir disso, é feita uma pequena reflexão de como é a experiência de ser negro e gay no mundo.

SEQUÊNCIA 6: A HOMOSSEXUALIDADE DENTRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

Por todos os entrevistados serem estudantes universitários, vamos considerar nesse tópico as vivências harmônicas ou não dentro da Universidade Federal de Viçosa.

SEQUÊNCIA 7: O MOVIMENTO LGBT

Mesmo que os entrevistados sejam assumidamente gays, considera-se importante ressaltar se eles se sentem representados pelo movimento LGBT atual.

SEQUÊNCIA 8: O QUE É SAIR DO ARMÁRIO?

Nessa última sequência, os entrevistados responderão a seguinte pergunta: o que é sair do armário? Mesmo sendo um termo com significado óbvio para o senso comum, para cada uma das fontes o ato de sair do armário possui denotações diferentes.

A escolha do nome do documentário somente aconteceu após a conclusão das edições, pois era necessário escolher algum nome que não trouxesse uma conotação subjetiva e de fácil associação do tema. Retiramos o nome de uma paródia chamada Adeus, armário que era uma

paródia que fazia referência a uma música do grupo Cidade Negra. Esse clipe falava sobre uma pessoa saindo do armário.

As trilhas foram escolhidas no estúdio de criação do Youtube, que é uma plataforma que disponibiliza músicas e efeitos de som de forma gratuita. Escolhemos trilhas mais alegres e serenas, pois essas faziam mais o estilo da abertura e a maneira espontânea que conduzimos as entrevistas, mesmo tratando assuntos delicados e pessoais.

Na escolha da capa do DVD utilizamos o programa de edição de imagens CorelDraw X8 e escolhemos uma imagem de um armário vazio e nele só restavam os cabides, porque queríamos trazer o significado de que o que estava lá dentro não mais se encontrava lá. Na etiqueta do DVD colocamos um desenho de um armário aberto., pois ele representa a saída do armário.

Uma consideração importante a ser feita é que certos assuntos que eram previstos no pré-roteiro não se mantiveram como sequência narrativa na versão final. As duas primeiras sequências foram retiradas, porque não foi possível encaixar nenhum depoimento dessas categorias na narrativa, pois estavam destoantes do assunto pretendido e a terceira por não haver tempo para discutir essa temática, sendo que esta é bastante complexa e demandaria um tempo maior para ser contemplada de maneira correta.

Depois de encerrada a fase em que eram selecionadas as falas para cada tópico, iniciou-se a parte de edição. Elaborou-se um roteiro e editamos por meio do programa *Adobe Premiere Pro CC 2017*. Por meio deste, foi possível utilizarmos as falas mais relevantes de cada entrevistado e realizamos as mudanças estéticas no documentário como correção de cores, exposição, normalização dos áudios e inserção de legendas, títulos e trilha sonora, gerando então um documentário com a duração de 27 minutos e 4 segundos. Os créditos finais aparecerão juntamente com um clipe na seguinte ordem: entrevistados; produção e edição; orientação; coorientação.

Enquanto era finalizado o documentário, iniciamos a segunda parte do memorial, pois até então só havíamos refinado o capítulo um, onde se encontrava o referencial teórico. Durante esse período, também aconteceram reuniões com a orientadora e com a coorientadora para ajustes no documentário e para dar auxílio para o segundo capítulo deste memorial. A segunda parte era referente ao relatório técnico e houve a estruturação de todo o progresso da produção áudio visual, onde definimos a modalidade de entrevista, o tipo de enquadramento utilizado nas

gravações e os equipamentos utilizados. Nessa fase, também foram estruturados o resumo, a introdução, as considerações finais, as referências bibliográficas e o roteiro final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse projeto experimental teve como objetivo trazer pontos de vista diferente acerca da homossexualidade, mostrando que o fato de se significar enquanto homem gay é diferente para cada pessoa. Não queremos que o assunto em torno do armário se esgote, até porque não podemos falar em nome de todos os homens gays que vivem em Viçosa, no Brasil ou em outras partes do mundo. Cada experiência vivida dentro e fora do armário é única e precisa ser respeitada.

Pudemos perceber também que o “sair do armário” não é algo que acontece apenas uma vez, mas que para Eve Kosofsky Sedgwick no seu livro *Epistemologia do Armário*, acontece toda vez em que um homem gay está na presença de pessoas que não conhecem sobre a sexualidade dele. Essa observação de alguma forma também esteve presente na fala de Demerson Soares quando ele diz que a cada lugar que um gay está presente, precisa ficar dentro de um armário para ser melhor aceito pela sociedade.

Outra observação importante é que quando ouvimos falar sobre homossexualidade na mídia, principalmente na Internet, são encontradas nas sessões de comentários uma grande carga de preconceito provocado principalmente pela falta de informação e acesso a conteúdo que fale sobre o tema de maneira menos pejorativa. É preciso observar que os discursos utilizados no século XIX para considerar as relações entre pessoas do mesmo sexo como “imorais” e “contra a natureza humana” são repetidos nos dias atuais por pessoas muito conservadoras como justificativa para impedir avanços em políticas públicas para a população LGBT no Senado, por exemplo.

Mesmo com as dificuldades encontradas na produção desse documentário como encontrar pessoas dispostas a falar abertamente sobre o assunto, conseguimos concluir essa tarefa respeitando a história de cada um. Especificamente nesse produto, procuramos tratar esse assunto da forma mais clara e, durante as entrevistas, procurávamos trazer uma abordagem mais descontraída, revelando um pouco da personalidade de cada personagem que compôs o *Adeus, armário*.

Como jornalistas e/ou profissionais da área de Comunicação, uma experiência como essa é muito relevante para o exercício da nossa profissão, visto que cada vez mais cresce a demanda por representatividade, seja nas notícias dos jornais até nas novelas que passam na

televisão. Além disso, possibilita aprender a como lidar com assuntos delicados de forma ética e responsável e ainda conseguir dar voz para aqueles que dificilmente terão algum espaço nas mídias mais tradicionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Daniel Mazzaro Vilar. *Performatividades gays: um estudo na perspectiva brasileira e argentina*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte – MG, 2016.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. A evolução da Ciência Psicológica. In:____. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2009. p. 176-193.

____. Identidade. In:____. **Psicologias: Uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2009. p. 207-219.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **A invenção da homossexualidade**. Bagoas, Rio Grande do Norte, v.2, n. 2, p. 71-93, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2268/1701>>. Acesso em: 9 out. 2017.

DARDE, Vicente William da Silva. **A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira**. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 223-234, jul./dez. 2008: Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=465645959007>>. Acesso em: 24 jun.2017.

FREIRE, Lucas de Magalhães. **De Sodomitas a Homossexuais: a construção de uma categoria social no Brasil**. *Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 88 - 100, agosto. 2012. Semestral. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 15 nov. 17.

GÓIS, Edivaldo, **Movimento Higienista na história da vida privada no Brasil: do homogêneo ao heterogêneo**. *ConScientiae Saúde [en línea]* 2002. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=92900109>>. Acesso em: 20 nov. 17. p. 47-52

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 10-13.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação**. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.9, n. 2, p. 541-553, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200012/8865>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.

MISKOLCI, Richard. **O Armário Ampliado – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet**. *Gênero*, Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 1. sem. 2009. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/88/64>>. Acesso em: 25 out. 2017.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas: Papirus, 2005.

NUSSBAUMER, Gisele Marchiori. **Cultura e identidade gay**: a diferença do múltiplo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001. Campo Grande. *Anais...*Campo Grande, 2001. p.1-14.

PINO, A **teoria queer e os intersex**: experiências invisíveis de corpos des-feitos. *Cadernos Pagu*, Campinas, p. 149-174, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/08.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

RIBEIRO, Irineu Ramos. **A TV no armário**: a identidade gay nos programas e telejornais brasileiros. São Paulo: GLS, 2010.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemologia do Armário**. Coimbra: Angelus Novus, 2003.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. Do Gueto ao mercado. In: GREEN, James Naylor, TRINDADE, Ronaldo (orgs.) **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo, Ed. Da Unesp, 2005. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/31080909/julio01.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1508908034&Signature=x1MJfB3cUvnzz3qwDITGIvcP7Mg%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DDo_gueto_ao_mercado.pdf>. Acesso em: 25. Out 2017

TONIETTE, Marcelo Augusto. **Um breve olhar histórico sobre a homossexualidade**. Revista Brasileira de Sexualidade Humana. v. 17, n. 1, p. 41-52 jan/jun 2006. Disponível em: <<http://pessoal.educacional.com.br/up/4660001/9842654/Revista%20Brasileira%20de%20Sexualidade%20Humana%20-%20volume%2017.pdf#page=37>>. Acesso em 20 nov. 17.

ANEXOS

Anexo 1: Roteiro

Documentário Adeus, armário

DURAÇÃO: 27'04''

ROTEIRO: Alice Martins e Weslei Ferreira

CENA 00. VT/VINHETA DE ABERTURA

VÍDEO	ÁUDIO	TEMPO
VT/VINHETA DE ABERTURA	VT/VINHETA DE ABERTURA	10''

SEQUÊNCIA 01. RELAÇÃO COM A FAMÍLIA

VÍDEO	ÁUDIO	TEMPO
DEMERSON SOARES (DSC_0567)	ENTÃO A MINHA... OS MEUS... EU VENHO DE UMA FAMÍLIA ONDE A GENTE NUNCA TEVE ESSA COISA DE CONVERSA... CERTOS TIPOS DE COISA CONSIDERADA TABU NUNCA FORAM TRATADAS NO MEIO FAMILIAR TIPO ESSA QUESTÃO DA HOMOSSEXUALIDADE ENTÃO... ASSIM NÃO TIVE PROBLEMA NENHUM EM SER ACEITO PELA MINHA FAMÍLIA MEUS PAIS... NÃO É QUE ELES ME APOIARAM NA VERDADE ELES ME ACEITARAM, PORQUE... EU ACHO QUE VOCÊ COMEÇA A APOIAR AQUILO QUANDO VOCÊ TEM UM CONHECIMENTO E EU ACREDITO QUE OS MEUS PAIS ATÉ ENTÃO NÃO TINHAM UM CERTO CONHECIMENTO DESSA... DESSE MUNDO GAY, MAS NUNCA TIVE RESISTÊNCIA DO LADO DELES NÃO. INCLUSIVE ME APOIAM MUITO ATÉ HOJE NAS MINHAS DECISÕES, SABEM DA MINHA CONDIÇÃO SEXUAL HOJE ENTÃO... É BEM TRANQUILO.	
MARCELO SOUZA(DSC_0578)	EU VIM DE FAMÍLIA EVANGÉLICA, MEU PAI JÁ FOI PASTOR	

<p>VICTOR CRUZ (DSC_0593: 1'45'' – 4'01'')</p>	<p>EVANGÉLICO... PRA ELES... É MEIO COMPLICADO ACEITAR E EU SEMPRE ME COLOQUEI NO LUGAR DELES... EU NUNCA PENSEI EM CONTAR PRIMEIRAMENTE EU TINHA MUITO MEDO... DA REAÇÃO DELES. SÓ QUE DEPOIS DE UM TEMPO EU COMECEI A TRABALHAR, TER A MINHA VIDA EU PERCEBI QUE EU DEVERIA CONTAR, PORQUE SERIA MEIO QUE... UMA VÁLVULA DE ESCAPE. O MOMENTO QUE EU CONTASSE EU SEI QUE EU TERIA MINHA LIBERDADE. QUANDO CONTEI FOI A REAÇÃO MAIS IMPRESSIONANTE DO MUNDO, PORQUE... ELES ACEITARAM DE BOA. A RESPOSTA QUE EU TIVE A GENTE TAVA EM ALMOÇO TODO MUNDO E EU FALEI “OLHA, MÃE TENHO UMA COISA PRA TE CONTAR”... ELA ME PERGUNTOU NA VERDADE “MEU FILHO, CÊ TEM ALGUMA COISA PRA ME FALAR? ” AÍ EU FALEI “TENHO, MÃE. ENTÃO EU SOU GAY, EU GOSTO DE MENINOS” AÍ FICOU TODO MUNDO EM SILÊNCIO POR UM MOMENTO... AÍ A A PRIMEIRA RESPOSTA QUE TIVE FOI DA MINHA MÃE. ELA FALOU ASSIM “OLHA, MEU FILHO. NÃO CONCORDO, NÃO É UMA COISA QUE EU QUERIA, MAS VOCÊ É MEU FILHO, EU TE AMO ACIMA DE QUALQUER COISA E ISSO NUNCA VAI MUDAR”. E MEU PAI TAMBÉM FALOU “FILHO, EU TE AMO, NÃO CONCORDO COM O ESTILO DE VIDA QUE VOCÊ... LEVA, MAS... VOCÊ É MEU FILHO, ISSO NUNCA VAI MUDAR, EU TE AMO”. QUEM DESABOU FUI EU CHOREI MUITO</p> <p>TINHA TRANCADO MEU CURSO AQUI EM VIÇOSA. FAZIA ENGENHARIA AMBIENTAL, EU FUI PRA CASA NÉ, PASSEI... SEIS MESES EM CASA COM... COM O CURSO TRANCADO. AÍ NESSE MEIO TEMPO... É... ELA PERCEBEU QUE EU QUASE NÃO FICAVA EM CASA, PORQUE DEPOIS DE PASSAR DOIS ANOS AQUI EM VIÇOSA, TER</p>	
--	---	--

<p>VICTOR CRUZ (DSC_0593: 4'45'' – 7'18'')</p>	<p>ESSA LIBERDADE AQUI... DE SER QUEM EU SOU E VOCÊ VOLTA PRA CASA... TER QUE SE FECHAR DE NOVO? EU NÃO CONSEGUIA... NÃO CONSEGUI. AÍ PASSAVA A MAIOR PARTE DO TEMPO NA CASA DESSA MINHA AMIGA, A BIANCA. AÍ ELA NÃO PERCEBEU QUE EU NÃO PASSAVA O TEMPO EM CASA, QUE EU FICAVA MAIS TEMPO NA CASA DA BIANCA... ELA FALOU “VICTOR, TÔ TE ACHANDO UM POUCO... É... AVOADO TE ACHANDO UM POUCO... DISTANTE... O QUE QUE TÁ ACONTECENDO?” AÍ EU VI OPORTUNIDADE E FALEI PRA ELA “MÃE, É QUE NÃO ME SINTO CONFORTÁVEL EM CASA QUE AQUI CASA EU ME SINTO OPRIMIDO, PORQUE EU GOSTO DE MENINOS EU NÃO GOSTO DE MENINA.” AÍ QUANDO CONTEI PRA ELA FOI UM CHOQUE. FOI UM CHOQUE ASSIM. ELA TAVA EM PÉ ELA SENTOU ASSIM FALOR “VICTOR... COMO ASSIM?” AÍ EU FALEI FALEI “NÃO, MÃE. EU SOU GAY EU NÃO GOS... EU SEMPRE FUI ASSIM” E TENTEI EXPLICAR PRA ELA. ELA FALOU NÃO NÃO NÃO ACEITO, NÃO ENTENDO ISSO, NA MINHA CABEÇA NÃO ENTRA... AÍ... FOI ISSO. DAÍ A... EU TENTEI EXPLICAR PRA ELA A SITUAÇÃO DA MELHOR MANEIRA POSSÍVEL, MAS ELA NÃO... SE RECUSAVA A ENTENDER.</p> <p>NESSE PERÍODO QUE EU TAVA EM CASA, A GENTE NUNCA CONVERSOU... SOBRE... A GENTE NÃO CONVERSAVA NÉ? AÍ É... EU COMECEI A CONFRONTAR ELA PERGUNTEI “MÃE, VOCÊ ACHA QUE EU SOU DOENTE? VOCÊ ACHA QUE HÁ CURA PRA MIM? SE TIVESSE, VOCÊ ME CURARIA?” E A RESPOSTA FOI SEMPRE SIM. FOI SEMPRE VOCÊ É DOENTE, É... EU TE CURARIA, EU TENHO NOJO... ELA FORÇOU VÔMITO, GENTE. ELA TIPO... ELA... FALOU “AI NÃO EU NÃO CONSIGO ACEITAR, NÃO CONSIGO</p>	
---	---	--

<p>VITOR DAHER (DSC_1287)</p>	<p>ENTENDER” CHORANDO E... FALOU QUE... É... EU SER GAY É UMA FORMA DE DEUS PUNIR ELA, PORQUE ANTES DE EU NASCER ELA TEVE... TRÊS ABORTOS ESPONTÂNEOS. E... ELA ACHA QUE... ELA TENTOU DEMAIS E... E QUANDO EU VIM NESSA QUARTA VEZ, ELA ACHA QUE É UMA MANEIRA DE DEUS PUNIR ELA POR TER TENTADO DEMAIS... E ACORDAVA A NOITE E FICAVA SEM DORMIR, PORQUE EU ERA GAY E ELA NÃO CONSEGUIA ENTENDER E ELA ME IMAGINAVA COM OUTRO HOMEM E QUERIA VOMITAR, QUERIA MORRER, QUE ELA NÃO IA CONSEGUIR ACEITAR, ESSE TIPO DE COISA. AÍ... É. FOI ISSO DAÍ... DEPOIS QUE ELA FALOU ESSAS COISAS, NA HORA EU... MANTIVE A... COMPOSTURA, EU NÃO... NÃO DEMONSTREI NADA, MAS ASSIM QUE EU LEVANTEI DALI EU... DESABEI</p> <p>EU TINHA UM PRIMO QUE MORAVA AQUI EM VIÇOSA QUE... É GAY TAMBÉM E... A GENTE ACABAVA SE ENCONTRANDO EM FESTAS, A GENTE CONVERSAVA UM POUCO E ELE ACABOU CONTANDO PRA MÃE DELE SOBRE MIM. ELE JÁ ERA ASSUMIDO PRA FAMÍLIA, TODO MUNDO JÁ SABIA DELE E ELE ACABOU FALANDO PRA MÃE DELE QUE EU TAMBÉM ERA GAY. E CONVERSANDO COM MEU PAI A MINHA TIA ACABOU FALANDO PRA ELE ISSO ELES TAVAM CONVERSANDO SOBRE... NÃO SEI SOBRE O ASSUNTO QUE ELES TAVAM CONVERSANDO EU NUNCA CHEGUEI A TOCAR NESSE ASSUNTO COM MINHA FAMÍLIA. MAS ELA ACABOU DEIXOU... DEIXOU PASSAR QUE EU TAMBÉM ERA GAY. MEU PAI ME LIGOU EU TAVA EM CASA, EU ATENDI O TELEFONE E PERGUNTOU SE ERA VERDADE. EU JÁ TAVA CANSADO DE MENTIR E DE FICAR OMITINDO TUDO O QUE EU PASSAVA AQUI EM VIÇOSA E FALEI QUE ERA QUE ERA VERDADE</p>	
--------------------------------------	--	--

QUE EU ERA GAY SIM. FOI ENTÃO QUE ELE FALOU QUE EU NÃO PRECISAVA MAIS VOLTAR PRA CASA ENQUANTO EU NÃO VIRASSE HOMEM E DESLIGOU O CELULAR. UM TEMPO DEPOIS MINHA MÃE LIGOU MINUTOS DEPOIS MEU TELEFONE TOCOU DE NOVO E ELA PERGUNTOU O QUE QUE TINHA ACONTECIDO QUE MEU PAI TAVA MUITO ABALADO PRO LADO DE LÁ E SE O QUE EU TINHA FALADO ERA VERDADE E EU FALEI QUE ERA TIPO EU ERA GAY MESMO E... ERA ISSO TIPO NÃO TINHA COMO MUDAR O FATO QUE TINHA ACONTECIDO. ELA DESLIGOU O CELULAR TAMBÉM TIPO NÃO TEVE MAIS CONVERSA DURANTE MAIS OU MENOS UMA SEMANA... FOI QUANDO DURANTE A SEMANA ELA CHEGOU AQUI EM VIÇOSA... VEIO ELA E MINHAS IRMÃS PRA GENTE TER UMA CONVERSA. QUE ELA QUERIA CONVERSAR COMIGO SOBRE ISSO E PERGUNTOU TUDO DE NOVO. EU CONFIRMEI E TAL E... NA MINHA CASA ERA É UM SISTEMA MUITO PATRIARCAL TIPO TUDO O QUE MINHA MÃE FAZ É EM FUNÇÃO DO MEU PAI E TUDO O QUE A GENTE FAZ TAMBÉM É EM FUNÇÃO DO MEU PAI ENTÃO ELA FICAVA MAIS PREOCUPADA COMO MEU PAI IRIA ME VER, COMO QUE ELE IRIA AGIR E... COMO QUE SERIA TIPO COMO EU IRIA NA IGREJA, QUE EU NÃO PODERIA É... PARTICIPAR MAIS DA IGREJA, PORQUE... DEUS NÃO PERMITE ISSO E EU FALEI COM ELA DE UMA VEZ QUE... EU IA NA IGREJA MAIS PRA AGRADAR ELA PORQUE EU NÃO ACREDITAVA. A CONVERSA SE ESTENDEU UM POUCO ELA... BEM NERVOSA EU TAMBÉM TAVA BEM NERVOSO NO DIA ELA ACABOU SOLTANDO QUE... ELA ME PREFERIA DENTRO DA IGREJA QUE EU ESTIVESSE DENTRO DA IGREJA, MAS QUE EU TIVESSE MORRIDO MA IGREJA DO QUE EU SENDO GAY.

<p>FARLEY AVELLINO (DSC_0540)</p>	<p>A REAÇÃO DA MINHA TIA FOI MUITO COMPLICADA. ELA CHEGOU A FALAR COISAS QUE... QUE MAIS TARDE ELA SE ARREPENDERU DE TER FALADO É... TIPO “EU PREFERIA QUE VOCÊ FOSSE USUÁ...USUÁRIO DE DROGAS DO QUE... É... GAY” “EU PREFERIA QUE VOCÊ FOSSE TETRAPLÉGICO DO QUE GAY” “EU PREFERIA VER VOCÊ... É... PRESO DO QUE GAY.” ENTÃO FORAM COISAS BEM PESADAS.</p>	
<p>ROBSON FILHO (DSC_0599)</p>	<p>SÓ NO MEU ÚLTIMO ANO AQUI QUE QUANDO EU JÁ TAVA FAZENDO O TCC, É, EU FUI CONVERSANDO COM MINHA MÃE SOBRE O ASSUNTO, ELA JÁ TINHA PERGUNTADO PRA MIM ALGUMAS VEZES SE EU ERA GAY, EU DESCONVERSAVA, EU NÃO CONSEGUIA RESPONDER, E, MAS EU FUI DANDO INFORMAÇÃO PRA ELA, EU ACHO QUE FOI UM PROCESSO DE, DE EDUCÁ-LA, NÉ? DE REEDUCÁ-LA, NO CASO, ENTÃO, COMO O MEU TCC ERA SOBRE ESSE TEMA TAMBÉM, ENTÃO, AÍ A GENTE FOI CONVERSANDO BASTANTE SOBRE ISSO, MAS SEM EU CONTAR PRA ELA EU ERA GAY, NÉ? EMBORA ELA JÁ SOUBESSE, MAS AÍ, DURANTE ESSE PROCESSO, ELA FOI ENTENDENDO TAMBÉM, ATÉ O MOMENTO DA MINHA BANCA, FOI ALGUNS MINUTOS ANTES DA MINHA BANCA, AÍ QUE EU CONTEI PRA MINHA MÃE, É, EU CHAMEI MINHA MÃE, ASSIM, NO CANTO, A SALA JÁ TAVA LOTANDO DE GENTE QUE TINHA IDO ASSISTIR, E AÍ, MINHA MÃE TAVA ATÉ LA FOLHEANDO MEU LIVRO, NÉ? QUE ELA AINDA NÃO TINHA VISTO COMO ELE TINHA FICADO PRONTO, É, E ELA JÁ TAVA QUASE NA PÁGINA, INCLUSIVE, PORQUE EU CONTEI A HISTÓRIA DE ALGUNS GAYS, MAS TINHA MINHA HISTÓRIA ALI TAMBÉM, NÉ? ENTÃO QUANDO ELA TAVA QUASE NO CAPÍTULO SOBRE MIM, AÍ EU: “MÃE, A GENTE PRECISA CONVERSAR”, AÍ ELA NEM DEIXOU</p>	

<p>VITOR DAHER (DSC_1287)</p>	<p>QUE EU CONTINUASSE, ELA ME PAROU E FEZ ASSIM: “FILHO, PORQUE VOCÊ ACHA QUE EU TÔ AQUI? EU SEMPRE TE AMEI E NUNCA VOU DEIXAR DE TE AMAR, CÊ VAI CONTINUAR SENDO MEU FILHO”. E FOI UM MOMENTO MUITO EMOCIONANTE, SABE? É, E, E AÍ, FOI A PARTIR DAÍ ENTÃO QUE, É, MINHA MÃE FICOU SABENDO SOBRE MIM, NÉ? DESSA FORMA, MAS AINDA O RESTANTE DA FAMÍLIA FICOU SABENDO POR ACOMPANHAR O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO MEU LIVRO , SABER DO QUE SE TRATA, ENTÃO ELES DEVEM, NÉ? JÁ ASSIMILAR, NÉ? MAS, É, POR EXEMPLO, COM MEU PAI EU AINDA NÃO TIVE ESSE MOMENTO DE CONVERSA QUE EU TIVE COM A MINHA MÃE, EMBORA EU ACHO QUE ELE JÁ, JÁ DESCONFIE, A GENTE NÃO TEVE ESSA OPORTUNIDADE DE CONVERSAR</p> <p>EM MANHUAÇU EU SEMPRE SOUBE QUE EU ERA GAY ENTÃO TIPO DESDE CRIANÇA... NÃO DE CRIANÇA, MAS TIPO PRÉ ADOLESCENTE EU JÁ SABIA... JÁ TINHA PLENA CIÊNCIA DO QUE... DO QUE IA SER MINHA VIDA. E VIVER NA MINHA CASA EU SABIA QUE ELES NÃO IA ACEITAR DE FORMA ALGUMA MINHA MÃE EVANGÉLICA, MEU PAI EXTREMAMENTE MACHISTA... ENTÃO EU IA TER UM GRANDE PROBLEMA ALI. ENTÃO EU NÃO SAIA DE CASA, EU NÃO TINHA AMIGOS FORA DA IGREJA QUE EU AINDA IA PRA... PRA AGRADAR MINHA MÃE, MAS EU TINHA COLOCADO NA MINHA CABEÇA QUE ASSIM QUE EU CHEGASSE NO VESTIBULAR EU IA FAZER E IA SAIR DE MANHUAÇU TIPO EU NÃO QUERIA FICAR EM MANHUAÇU VIVENDO A VIDA QUE EU VIVIA QUE ERA... UMA VIDA QUE NÃO ERA MINHA QUE ERA... SÓ PRA AGRADAR MAIS MINHA FAMÍLIA MESMO. CHEGANDO EM</p>	
--------------------------------------	--	--

	<p>VIÇOSA, É... É QUE EU REALMENTE CONSEGUI VIVER. EU CONSEGUIR VIVER MINHA SEXUALIDADE PLENA, FOI QUANDO EU COMECEI A SAIR COM... COM OUTROS MENINOS, CONHECI AMIGOS... É... QUE TAMBÉM ERAM GAYS E OUTROS NÃO, MAS QUE ME ACEITAVAM PLENAMENTE... É... O MEU CURSO COMO TODOS OS OUTROS TEM AS PESSOAS QUE SÃO HOMOFÓBICAS, MAS A GRANDE MAIORIA ME ACEITAVA TIPO SABIA QUE EU ERA GAY ANDAVA COMIGO, CONVERSAVA TRANQUILAMENTE.</p>	
--	--	--

SEQUÊNCIA 02. SER GAY NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

VÍDEO	ÁUDIO	TEMPO
GUSTAVO AUGUSTO (DSC_0576)	<p>MEU CURSO É DANÇA, FLOR, ENTÃO, VOCÊ ACEITANDO OU NÃO, A PESSOA ACEITANDO OU NÃO, ELA VAI TER QUE ENGOLIR, ENTENDEU? ÓBVIO QUE A GENTE TEM QUE SEPARAR, O SEU TRABALHO, É TRABALHO. QUANDO VOCÊ TA FAZENDO UMA COREOGRAFIA, VOCÊ TA ALI PRA REPRESENTAR O QUE VOCÊ FOI CHAMADO, SENDO GAY, LÉSBICA, HÉTERO OU TRANSEXUAL, NÃO INTERESSA, VOCÊ FOI CHAMADO PRA FAZER UM PADEDÊ COM UMA MOÇA, VOCÊ NÃO VAI SER A MOÇA, VOCÊ VAI SER UM HOMEM, ENTÃO É ASSIM, É ACEITO, VOCÊ PODE SER O QUE QUE VOCÊ QUISER DENTRO DO CURSO DE DANÇA, MAS A PARTIR DO MOMENTO QUE VOCÊ TÁ NUMA COMPANHIA, VOCÊ TEM QUE LARGAR O SEU EU PRA VIVER UMA OUTRA PESSOA, ASSIM, É DIFÍCIL DE ENTENDER, MAS, SIM, O NOSSO CURSO ACEITA, MAS A GENTE TEM QUE TER ESSA, A GENTE TEM QUE TER ESSA NOÇÃO DE QUE, OPA, HORA DE EU DANÇAR IGUAL HOMEM, HORA DE EU DANÇAR IGUAL GAY, ENTENDEU? TEM COREOGRAFIAS QUE EXIGEM ISSO, TEM ESSA EXIGÊNCIA, ENTÃO, É MAIS ESSA QUESTÃO. MAS FORA ISSO, MEU</p>	

<p>MARCELO SOUZA (DSC_0578)</p>	<p>AMOR, A GENTE É QUEM QUE A GENTE QUISE, BEIJO! É O MELHOR CURSO</p> <p>EU TENTEI ESTÁGIO UMA VEZ... EU NÃO CONSEGUI, PORQUE... NÃO FOI DITO PRA MIM COM ESSAS PALAVRAS, MAS EU CONSEGUI ENTENDER ISSO. QUE PROS PAIS SERIA DIFÍCIL DEIXAR OS FILHOS COM UM HOMEM GAY... UMA CRIANÇA DE DOIS HOM...DOIS ANOS COM UM HOMEM GAY. SÓ QUE AÍ EU... CONSEGUI ENTENDER DESSA FORMA, PORQUE A PESSOA DEIXOU ISSO PRATICAMENTE CLARA, MAS ELA NÃO CHEGOU FALANDO ISSO, MAS AÍ NESSA SEGUNDA VEZ QUE EU TENTEI EM OUTRO LUGAR NÃO TIVE PROBLEMA NENHUM. MAS A PRIMEIRA VEZ FOI TENSO. ISSO MEIO QUE ME DESESTABILIZOU UM POUCO SABE EU TENTEI ATÉ DESISTIR DA CARREIRA FALEI “NÃO VOU SEGUIR MAIS, PORQUE NÃO VOU CONSEGUIR EMPREGO”.</p>	
<p>PEDRO MILAGRES (DSC_0605)</p>	<p>O PROBLEMA EXISTE DOS, MUITOS PROBLEMAS ENVOLTOS NISSO, PORQUE NA EDUCAÇÃO FÍSICA, EM SI, A SEXUALIDADE, ELA NÃO É UM PROBLEMA, SÓ QUE, O PROBLEMA, ELE JÁ PARTE DAS PESSOAS QUE TEM ACESSO A ESSE CURSO, DAS PESSOAS QUE ACESSAM ESSE CURSO, PORQUE OS DISCURSOS QUE A EDUCAÇÃO FÍSICA TRAZ COM RELAÇÃO A QUESTÃO DA SEXUALIDADE, OS DEBATES QUE SÃO TRAZIDOS PRA EDUCAÇÃO FÍSICA, SÃO DEBATES TOTALMENTE ABERTOS EM QUE BUSCA ESSA INCLUSÃO DA DIVERSIDADE, ATÉ PORQUE É UM PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA, PRINCIPALMENTE NA ESCOLA, PREGAR A DIVERSIDADE E TRAZER EM DEBATE ESSES TEMAS, SÓ QUE AS PESSOAS, PRINCIPALMENTE, OS ALUNOS QUE BUSCAM O BACHAREL, QUE JÁ É MAIS VOLTADA PRA ÁREA</p>	

<p>LUCAS TACCHI (DSC_0537)</p>	<p>DO CORPO ENQUANTO UM SER BIOLÓGICO, DO CORPO PRO TREINAMENTO, DO CORPO NAS ACADEMIAS, É, EU SINTO UMA RESISTÊNCIA MAIOR DESSAS PESSOAS. OS DEBATES COM RELAÇÃO A SEXUALIDADE, ELES, DENTRO DO MEU CURSO, ELES NÃO EXISTEM, DENTRO DO BACHAREL NÃO EXISTE EM HIPÓTESE ALGUMA, DEBATES COM RELAÇÃO A SEXUALIDADE. QUANDO HÁ ESSES DEBATES, QUANDO, POR EXEMPLO, EU JÁ TENTEI LEVANTAR ALGUM DEBATE SOBRE ISSO, OS ALUNOS JÁ ENXERGAM COMO “MIMIMI”, COMO UM PROBLEMA, JÁ, JÁ RECEBI ATÉ XINGAMENTO DENTRO DO BACHAREL. JÁ NA LICENCIATURA, ESSES DEBATES SÃO TOTALMENTE ABERTO, JÁ HÁ UMA RECEPTIVIDADE MAIOR DOS ALUNOS, EXISTEM DISCIPLINAS QUE BUSCAM TRATAR ESSA QUESTÃO, DEBATER ESSA QUESTÃO DA DIVERSIDADE DENTRO DO SEU CONTEÚDO, PORQUE NÃO EXISTE UMA DISCIPLINA ESPECÍFICA QUE TRATE A QUESTÃO DA SEXUALIDADE E DE GÊNERO.</p> <p>A UFV ELA TENTA PARECER... É... GAY FRIENDLY ATÉ TENTA PARECER PRÓ LGBT, PORÉM A UFV TEM UMA FRASE QUE EU COSTUMO FALAR QUE A UFV ERA ÓTIMA NOS ANOS 70, NOS ANOS 80... OS ANOS 80 PASSARAM E A UFV FICOU. PORQUE... ELA TENTA SER UMA UNIVERSIDADE BOA, MAS ATÉ HOJE A GENTE TEM DESCASO EM RELAÇÃO A... AO CASO LGBT A GENTE TEM DESCASO ÀS CAUSAS DOS NEGROS A GENTE TEM DESCASO A TODAS AS CAUSAS MINORITÁRIAS EM... A... EM FAVOR DE... UM... UMA ELITE DE PESSOAS RICAS E DE PPROFESSORES QUE... NÃO ESTÃO POUCO SE IMPORTANDO PROS ALUNOS INDEPENDENTE DE QUALQUER COISA ENTÃO... EU VEJO MUITO QUE AS PALESTRAS</p>	
--------------------------------	---	--

<p>ROBSON FILHO (DSC_0599)</p>	<p>INCLUSIVE DE INCLUSÃO LGBT ELAS SÃO FORMADAS PELOS GRUPOS UNIVERSITÁRIOS E PRATICAMENTE NUNCA É DE INICIATIVA DA UNIVERSIDADE... EU VEJO QUE A UNIVERSIDADE ELA NÃO FALA SOBRE ISSO E QUANDO FALA É DE UMA FORMA PEJORATIVA COMO A GENTE VÊ VÁRIOS PROFESSORES ATACANDO ALUNOS HOMOSSEXUAIS EM VÁRIOS CURSOS E ESPECIFICAMENTE AQUELES MAIS VOLTADOS PARA O PÚBLICO “MASCULINO” TIPO AS ENGENHARIAS, AS FÍSICAS, A EDUCAÇÃO FÍSICA QUE A GENTE VÊ UMA SITUAÇÃO BEM COMPLICADA PROS CASOS LGBT PORQUE AS PESSOAS SIMPLEMENTE NÃO SE IMPORTAM.</p> <p>NÃO, EU NÃO TIVE PROBLEMAS NA UNIVERSIDADE, É, POR SER GAY, EU SÓ TIVE PROBLEMAS NA CIDADE, ALGUNS EPISÓDIOS TALVEZ PODEM SER PEQUENOS, MAS, QUE AS VEZES PRA GENTE SE TORNA GRANDE, NÉ? ENTÃO, É, NUM, NUM DESSES EPISÓDIOS FAZENDO UM SERVIÇO PRA CONSEGUIR DINHEIRO PRA CUSTEAR O MEU TCC, POR EXEMPLO, EU FUI NUM BAR DE UM, DE UM LOCAL DE EVENTOS, GALERA RESPONSÁVEL POR, É, PREENCHER AS “DIÁS”, CUIDAR DA PARTE DE CERVEJA, REFRIGERANTE, SUCO, ESSAS COISAS, E OS GARÇONS VINHAM ATÉ ESSE BALCÃO PRA PEGAR, ENTÃO TINHA ALGUNS GARÇONS QUE FAZIAM PIADA, E, E, E FOI UM MOMENTO QUE EU AINDA EU NÃO TINHA PASSADO, ENTÃO FOI BASTANTE, BASTANTE TENSO, ASSIM, É, VIVENCIAR ISSO, E OUTROS EPISÓDIOS, ASSIM, NA CIDADE, É, POR EXEMPLO, UMA VEZ EU TAVA COM MEU NAMORADO, A GENTE CHAMOU UM TÁXI, PORQUE TAVA CHOVENDO, E HORA QUE O TÁXI VIU A GENTE JUNTO LÁ ESPERANDO, ELE PASSOU E NÃO PAROU PRA GENTE. OUTRO</p>	
---------------------------------------	---	--

	<p>MOMENTO A GENTE ANDANDO, TAMBÉM, É, ABRAÇADOS NA RUA, É, É, FUNCIONÁRIOS DE UM DETERMINADO LOCAL QUE TAVA LÁ FIZERAM ALGUNS COMENTÁRIOS, SABE? MAS ENTÃO, EU ACHO, QUE TALVEZ ESSA, ESSES EPISÓDIOS QUE EU, EU VIVENCIEI FOI MAIS NA CIDADE DO QUE NA UNIVERSIDADE, EU NUM PASSEI NENHUMA COISA PARECIDA.</p>	
--	--	--

SEQUÊNCIA 3. HOMOFOBIA

VÍDEO	ÁUDIO	TEMPO
SÉRGIO FÉLIX (DSC_0610)	<p>QUANDO EU ESTAVA NO RIO DE JANEIRO NO CARNAVAL DE DOIS MIL E TREZE... É DOIS MIL E TREZE E... ESTAVA EM IPANEMA NA AVENIDA VIEIRA SOUTO UMA DAS... ALI DA ORLA UMA DAS PRINCIPAIS... CONHECIDÍSSIMAS ASSIM E EXTREMAMENTE MOVIMENTADO, MAS... É NAQUELE DIA ASSIM DE MADRUGADA EU TENTEI AUXILIAR TIPO AJUDAR UM CARA QUE TAVA TENTANDO ENTRAR NOS BANHEIROS QUÍMICOS E PELO HORÁRIO... MUITOS DOS BANHEIROS QUÍMICOS JÁ ESTAVAM FECHADOS PRA QUESTÃO DA LIMPEZA. ENTÃO QUANDO EU TENTEI AJUDAR AQUELE CARA TIPO FALEI ASSIM AQUELE BANHEIRO OS OUTROS BANHEIROS ESTÃO ABERTOS ESSE CARA ENTENDEU DE QUE EU ESTAVA DANDO EM CIMA DELE. E A PARTIR DISSO ELE... COMEÇOU A CORRER ATRÁS DE MIM AS PESSOAS ASSISTIAM NÃO FAZIAM NADA... É... EU COMECEI A ME JOGAR NA FRENTE DOS CARROS ASSIM E... E CORRENDO O MÁXIMO QUE EU PODIA E... EM DETERMINADO MOMENTO ESSE CARA CHEGOU A PEGAR UMA GARRAFA NO CHÃO UMA GARRAFA DE VODCA E QUEBROU ASSIM E FOI PRA CIMA DE MIM COM TUDO ASSIM. FELIZMENTE EU... TIVE A SORTE DE QUE UMA VAN ESTAVA PASSANDO NAQUELE</p>	

	<p>MOMENTO PAROU E EU ME JOGUEI DENTRO DELA NÃO SABIA DE QUEM ERA A VAN PRA ONDE AQUELA VAN TAVA IINDO, MAS EU SIMPLEMENTE QUERIA SOBREVIVER NAQUELE MOMENTO. ENTÃO EU TIVE MUITA SORTE SABE? EU NÃO SEI SE POSSO ATRIBUIR ISSO A ALGO... DIVINO SE EU POSSO ATRIBUIR A MERO... MERA SORTE MESMO... MAS TAMBÉM RECONHEÇO DE QUE... SE AQUELE CARA TIVESSE ME ALCANÇADO, PROCAVELMENTE ELE ME RETALIARIA O ROSTO INTEIRO OU ME MATARIA... SABE? ENTÃO... FOI EXTREMAMENTE... FOI A VIOLÊNCIA HOMOFÓBICA QUE EU SOFRI ASSIM QUE... QUE MAIS... DIGAMOS DE FORMA AGRESSIVA</p>	
<p>JOÃO PEDRO DEACAIA (DSC_0591)</p>	<p>UM BELO DIA TEVE UMA FESTA AQUI... NORMAL... MUITO BOA INCLUSIVE EU SAI, FUI PRO TEDDIES, FUI PRA FOTO NO BERNARDÃO... E ALGUÉM INVADIU A MINHA CASA... ME DEU UMA PANCADA NA CABEÇA E ME ESPANCOU DESMAIADO, PORQUE A CASA TAVA... ISSO É UMA POSSIBILIDADE NÉ MAIS LÓGICA, PORQUE A CASA TAVA MUITO CHEIA E ESSE ALGUÉM SIMPLEMENTE CHEGASSE E ME BATESSE EU IA GRITAR EU IA BRIGAR ALGUMA COISA EU IA FAZER... E COMO EU TENHO UM CORTE NA CABEÇA PROVAVELMENTE EU APANHEI DESMAIADO.</p>	
<p>LUCAS TACCHI (DSC_0537)</p>	<p>NA ÉPOCA QUE A SANTA RITA AINDA TINHA CADEIRA QUE EU TAVA DESCENDO AQUELA RUA... ACHO QUE É A PADRE SERAFIM E TAVA SUBINDO UM CARRO E... O CARA DENTRO DO CARRO COMEÇOU A GRITAR PALAVRAS... DE BAIXO CALÃO ENTÃO ASSIM NA HORA QUE EU... QUE EU PERCEBI EU JÁ QUASE RESPONDI, MAS MEUS AMIGOS VIRARAM PRA FIM E FALARAM ASSIM “CALA A BOCA” E... EU FUI ME CONTROLEI</p>	

	<p>DESCI, CONTINUEI ANDANDO E ACABEI ME ESQUECENDO DISSO, PORQUE... NÃO É ALGO QUE A GENTE FICA GUARDANDO NÉ PORQUE FOI BEM COMPLICADO E FORAM ALGUMAS OUTRAS VEZES QUE... QUANDO EU TAVA ANDANDO NA RUA ANDANDO NA RUA DE MÃO DADA ETC. TEM GENTE QUE OLHA ESQUISITO, OLHA COM OLHO TORTO, MAS SÃO COISAS ASSIM QUE ACONTECEM, MAS AGRESSÃO FÍSICA... PELO MENOS POR ENQUANTO NÉ... NUNCA ACONTECEU.</p>	
--	---	--

SEQUÊNCIA 04. O LADO BOM DE SER GAY

VÍDEO	ÁUDIO	TEMPO
GUSTAVO AUGUSTO (DSC_0576)	SER GAY PRA MIM... TÁ SENDO MARAVILHOSO TÁ SENDO INCRÍVEL NÃO É UMA FASE NÉ NA VERDADE, MAS ESTÁ SENDO... PERFEITO ASSIM ACHO QUE MELHOR COISA QUE EU TENHO FEITO... QUE EU FIZ NA MINHA VIDA FOI TER ESSA ACEITAÇÃO COMIGO MESMO E... É... ME ASSUMIR PRA TODO MUNDO.	
DEMERSON SOARES (DSC_0567)	AI PRA MIM SER A BICHA PRETA DO ROLÊ... AI EU AMO. EU AMO PORQUE SOU BICHA E SOU PRETA ENTÃO PRA MIM É MARAVILHOSO EU CHEGAR DANDO CLOSE... JOGANDO NA CARA DA SOCIEDADE QUEM EU REALMENTE SOU ENTÃO PRA MIM É MARAVILHOSO EU ADORO ESTAR COM... COM OS GAYS EU ADORO ESTAR EM CONTATO COM VÁRIOS TIPOS DE PESSOA ENFIM. EU AMO SER GAY, EU AMO SER NEGRO. EU AMO SER QUEM EU SOU	
SÉRGIO FÉLIX (DSC_0609)	ENTÃO AS COISAS BOAS TIPO TOTALMENTE. ANTES DE ME ASSUMIR COMO... UM CARA GAY... EU ERA UMA PESSOA EXTREMAMENTE DEPRESSIVA. É... PENSAMENTOS SUICIDAS ERAM MUITO CONSTANTES E ISSO ESTAVA TUDO RELACIONADO A NÃO ACEITAÇÃO NEGACÃO DO	

	<p>QUE EU SOU... E... O FATO DE ME ACEITAR E PERCEBER QUE AS PESSOAS QUE ESTAVAM AO MEU REDOR ESTAVAM AO MEU REDOR SABENDO DO QUE EU ERA E QUE... CLARO ALGUMAS PESSOAS SE AFASTARAM ASSIM, MAS AS PESSOAS MAIS IMPORTANTES CONTINUARAM DO MEU LADO. E ME MUDOU TOTALMENTE EU... O FATO DE EU ME ASSUMIR ME FEZ RENASCER... DIGAMOS ASSIM</p>	
--	---	--

SEQUÊNCIA 05. O QUE É SAIR DO ARMÁRIO?

VÍDEO	ÁUDIO	TEMPO
JOÃO PEDRO DEACAIA (DSC_0592)	<p>SAIR DO ARMÁRIO É VOCÊ SE POSICIONAR ALI NO SEU TRABALHO, ONDE VOCÊ ESTUDA, NO SEU GRUPO DE AMIGOS, NA SUA FAMÍLIA, DENTRO DA SOCIEDADE COMO PESSOA QUE GOSTA DE PESSOAS DO MESMO SEXO E QUE... NÃO É UM MONSTRINHO QUE NÃO É NADA FEIO... É... VOCÊ MOSTRAR QUE VOCÊ TÁ ALI VOCÊ VAI CONTINUAR ALI... É... SENDO QUEM VOCÊ É INDEPENDENTE DO OUTRO E... É... SE ACEITAR PRINCIPALMENTE NÉ ESSA QUESTÃO POR EXEMPLO A QUESTÃO RELIGIOSA. VOCÊ VÊ VOCÊ PODE ACREDITAR EM CRISTO, MAS NÃO NECESSARIAMENTE VOCÊ PRECISA ACREDITAR QUE TUDO É DESVIO, TUDO É PECADO. OU VOCÊ PODE TER A RELIGIÃO QUE FOR E NÃO... NÃO NECESSARIAMENTE FICAR COM... ESSA ANGÚSTIA... PORQUE EU ACHO QUE SAIR DO ARMÁRIO É SE LIVRAR DESSA ANGÚSTIA NÉ. SE LIVRAR DESSA ANGÚSTIA DE SER O QUE É E NÃO ENTENDER, PROCURAR SE ENTENDER É SAIR DO ARMÁRIO</p>	

<p>MARCELO SOUZA (DSC_0578)</p>	<p>SE LIBERTAR. TER LIBERDADE... DE SER O QUE VOCÊ QUISER SER</p>	
<p>FARLEY AVELINO (DSC_0540)</p>	<p>FOI... ME LIBERTAR. FOI SER... FOI COLOCAR... PRA FORA O MEU EU VERDADEIRO. FOI SER... FOI ME TRANSFORMAR NO FARLEY. FOI SAIR DO... DAQUELA IMAGEM QUE EU FUI INDUZIDO A... A... A DEMONSTRAR FOI SAIR DAQUELE PERSONAGEM E MOSTRAR MEU EU VERDADEIRO. NÃO SÓ PRAS PESSOAS EU CREIO QUE ISSO FOI MUITO MAIS IMPORTANTE PRA MIM.</p>	
<p>DEMERSON SOARES (DSC_0567))</p>	<p>PRA MIM SAIR DO ARMÁRIO... PRA MIM SAIR DO ARMÁRIO NÃO EXISTE PRA MIM EXISTE VOLTAR ENTRAR NO ARMÁRIO. QUE ARMÁRIO É ESSE? O ARMÁRIO QUE A SOCIEDADE CRIA PRA VOCÊ ENTRAR. ENTENDEU? SE VOCÊ É HOMOSSEXUAL E VOCÊ VAI FAZER UMA ENTREVISTA PRA SER GERENTE DE UM BANCO AMANHÃ, VOCÊ TEM QUE ENTRAR NO ARMÁRIO QUE O BANCO TE IMPÕE QUE AS PESSOAS QUE VÃO AO BANCO TE IMPÕEM PARA QUE VOCÊ ASSIM CONSIGA O RESPEITO DELAS. INFELIZMENTE A GENTE NÃO SAI DO ARMÁRIO. A GENTE VOLTA PRO ARMÁRIO. ENTENDEU? A SOCIEDADE CRIA UM ARMÁRIO A TODO MOMENTO SE EU VOU ALI NA PADARIA TEM UMA ARMÁRIO QUE DIZ QUE SE TIVER CRIANÇAS... EU DEVIDO AO MEU BOM SENSO NÃO POSSO ENTRAR REBOLANDO NÃO POSSO IR DE SAIA... EU VOU NA IGREJA TEM UM ARMÁRIO, EU VOU PROCURAR UM EMPREGO TEM UM ARMÁRIO ENTÃO... INFELIZMENTE ACONTECE ISSO. A GENTE NÃO SAI</p>	

SERGIO FÉLIX (DSC_0610)

DO ARMÁRIO. A GENTE ENTRA NO ARMÁRIO PRA SER ACEITO PELA SOCIEDADE. INFELIZMENTE.

PRA MIM SAIR DO ARMÁRIO É... É UM ATO EXTREMAMENTE ALTRUISTA. PORQUE QUANDO VOCÊ SAI DO ARMÁRIO, VOCÊ ESTÁ... SE TORNANDO MAIS VULNERÁVEL A SOFRER AS VIOLÊNCIAS DIÁRIAS... ENTÃO É ALGO QUE... PRA SAIR DO ARMÁRIO VOCE ESTÁ DISPOSTO A ENFRENTAR... MUITAS... RETALIAÇÕES E É ALGO MUITO DIFÍCIL ASSIM. É ALGO QUE VOCÊ... SAIR DO ARMÁRIO ACHO QUE VOCÊ NÃO SE PREOCUPA SÓ CONSIGO, MAS TAMBÉM COM O PRÓXIMO, PORQUE VOCÊ... É... ASSUMINDO A SUA IDENTIDADE E... EXIGINDO QUE AS PESSOAS RESPEITAM QUEM VOCÊ É VOCÊ TAMBÉM ESTÁ SE PREOCUPANDO COM OS OUTROS. ENTÃO SAIR DO ARMÁRIO É UM GESTO POLÍTICO DE... DE UM SIGNIFICADO ASSIM... GRANDIOSO... NÃO É QUALQUER PESSOA QUE TEM ESSA... ESSA VISADA... SABE, MAS EU TAMBÉM CONSIDERO CLARO QUE CADA VIVÊNCIA É CADA VIVÊNCIA EXISTEM VÁRIOS FATORES DE QUE IMPEDEM A PESSOA SAIR DO ARMÁRIO EU COMPARTILHO DE UMA VIVÊNCIA, A MINHA FAMÍLIA É UMA FAMÍLIA EXTREMAMENTE... É... MENTE ABERTA... É... NÃO TIVE O FATOR RELIGIÃO MUITO VINCULADO NA MINHA FAMÍLIA... A MINHA FAMÍLIA SE CONSIDERA CATÓLICA, MAS AINDA ASSIM NÃO É PRATICANTE. ENTÃO... É... SAIR DO ARMÁRIO É NADA MAIS É QUE UM ATO POLÍTICO, UM ATO ALTRUISTA DE QUE VOCÊ TEM SE

	DESPREOCUPAR NÃO SÓ COM QUE AS PESSOAS RESPEITEM AQUILO QUE VOCÊ É, MAS PREOCUPAR TAMBÉM EM FAZER COM QUE OUTRAS PESSOAS SEMELHANTES A VOCÊ SEJAM RESPEITADAS TAMBÉM	
--	--	--

SEQUÊNCIA 06. CRÉDITOS

VÍDEO	ÁUDIO	TEMPO
CRÉDITOS	CRÉDITOS	